

TRN/TÍTULO

1/1

BR4900223

E15/B/M/V

BORREGO; A. (ED.)

O COOPERATIVISMO E O UNIVERSALISMO

V. 7

SÃO PAULO, SP (BRAZIL)

1949 108 P. (PT)

COOPERATIVA

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



**“Não trabalhar
em pról do bem-
estar social co-
mum, constitui
transgressão a
uma lei funda-
mental do uni-
verso”.**

Henry Wallace



BIBLIOTECA DA PAZ UNIVERSAL

Editor: ANTONIO BORREGO

VII

O Cooperativismo e o Universalismo

V.7



MNN

E15

SÃO PAULO - BRASIL

1949

Rua Tamandaré, 596

BR 4900223

MAPPOJ PREDIFADIPATA/TEKORAN
No.
NT 22.699
R.P. No.

IN CRA
PUBLI TECA
No. 29.1.75
TOMOK 4.12.2
GERAN 91255

COOPERATIVISMO

Pede-me o amigo Sr. Antonio Borrego um prefácio para "O Cooperativismo".

Apesar de divergir de vários conceitos expendidos neste livro, mas conhecendo os nobres impulsos e ideais que movem êste lutador esforçado pelo progresso, bem estar e pela paz entre os homens, ainda tão apegados á materialidade e esquecidos da sua transitoriedade neste mundo, da sua finalidade e da continuação de sua vida espiritual no espaço e no futuro com o pêso de seus atos e responsabilidades, não me furto ao prazer de dizer algumas palavras sôbre êste tema que me é tão caro.

O cooperativismo é ,a meu ver, um passo avançado no aperfeiçoamento dos métodos comerciais, proporcionando reais vantagens econômicas aos seus associados, quando cômnicos de seus deveres e responsabilidades, além de desenvolver o espírito de solidariedade e de fraternidade.

O sucesso cooperativista depende ainda de sua justa compreensão, da seriedade e habilidade de sua administração e do respectivo contrôle pelas partes interessadas que devem acompanhar com carinho o seu movimento e sua expansão em beneficio mútuo.

São inegáveis as vantagens para os que se reúnem para compras e vendas em conjunto, por uma só entidade que, depois de dedução das despesas e de uma reser-

va razoável, fazem os seus sócios gozarem dos mínimos preços nas aquisições e o máximo nas vendas.

Os sitiantes, por exemplo, podem comprar, dessa forma, tratores, caminhões, adubos, sementes e até obter créditos, além da possibilidade de colocar seus produtos classificados nos mercados pelos melhores preços.

As cooperativas de consumo, por sua vez, podem comprar as utilidades por preços de atacado e revendê-las com pouca margem aos sócios.

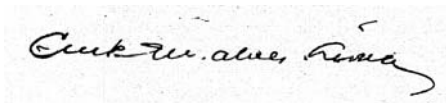
* * *

Nos países adiantados como a Dinamarca, Suécia, Finlândia e outros da Europa e da América onde o povo já compreendeu as suas vantagens e onde as cooperativas são poderosas e exercem uma ação reguladora nos preços, e também moralizadora, evitando os abusos e açambarcamentos, essas entidades se formam sem capital, apenas com a solidariedade dos socios, mediante cuja Acta de Constituição levantam as somas necessárias ao seu movimento nos Bancos.

Entretanto, entre nos, é necessário a formação de um capital inicial, que pode ser aumentado aos poucos com as reservas.

No Estado de S.Paulo já estão muitas em funcionamento, sendo de esperar que elas cresçam e prosperem, preenchendo sua grande finalidade econômica e moral.

S. Paulo, Junho 1949

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Antonio Alves Lima', written in a cursive style. The signature is contained within a rectangular border.

Antonio Alves Lima

PRIMEIRA

PARTE

PREZADO LEITOR

E' êste o sétimo volume da Biblioteca da Paz Universal. Nele procuramos mostrar o modo mais prático e expositivo de como poderemos nos libertar do terrível opressor do trabalhador: "o capital".

O capital, que devia ser a alavanca do progresso e do bem estar humano, é justamente o impecilho da aproximação dos povos, da união das famílias, da harmonia conjugal. Parece um paradoxo: o capital é oriundo do trabalho e escraviza, sob o seu domínio, o próprio trabalhador. Como, então, nos desfazermos de semelhante opressor? Como nos libertarmos dêsse inimigo, creado e mantido por nós mesmos, os trabalhadores?

E' o que iremos demonstrar com os quinze artigos enfeixados neste volume. Tudo é uma questão de raciocínio e assim aparece a razão clara como a luz do sol a pino. E' preciso que a classe trabalhadora tome posição de combate á sua milenária miséria; é necessário que ela não dê mais alimento e vida ao seu feroz, implacável e destruidor inimigo, o capital. A amizade, a honra, a vergonha, o amor e a própria vida são por êle aniquilados impiedosamente.

Qual a origem das guerras? é sempre o capital, simbolizado no vil metal, o ouro. E porquê? Porque nós o alimentamos com a nossa ignorância, proveniente da profunda preguiça mental que nos domina. Devemos saber

que o capital é um efeito e não a causa como geralmente se supõe. Com o cooperativismo de produção própria nós iremos, paulatinamente, nos desfazendo da influência escravizadora do capital. Tomando a direção e a orientação do produto de nosso trabalho estaremos nos livrando da miséria que nos debilita e mata. Seremos o eterno proscrito da natureza, quando essa mesma natureza nunca deu a quem quer que seja o privilégio a uma minoria de explorar os demais, seus iguais e semelhantes? Se hoje somos vítimas, a culpa cabe exclusivamente a nós mesmos. Como prêmio de nossa passividade a miséria tem nos acompanhado em todos os passos de nossa vida. Mesmo com a existência do capital como explorador do trabalho humano podia-se continuar a manter a atual organização social, com a condição de que os possuidores do capital abrissem mãos de seu feroz egoísmo e tratassem com mais amor e humanidade aos fatores de suas riquezas. Entretanto, têm eles a visão obliterada e não percebem que aqueles que são por eles explorados estão morrendo ou antes estão caminhando para a morte, lentamente, em penosa e angustiante agonia. Esquecem que suas vítimas são suas iguais e semelhantes. Daí o seu avarento proceder. Organizam-se, (com, o beneplácito dos governos constituídos por essa minoria), e estabelecem uma infinidade de preceitos e organismos tendentes a nos imbuir e sugestionar. Aparecem os sindicatos, mas não podemos eleger a diretoria sem a aprovação ministerial; dão-nos o direito de greve, e nos prendem quando promovemos uma; criam as caixas de aposentadorias, mantidas com o nosso suor e só aproveitáveis aos seus apaniguados e afilhados; estabelecem o salário mínimo numa base que só pode ser considerado salário de fome. E a par disso, os feitores dessas leis avançam no tesouro público sem limites, aumentando despidoradamente os seus já

gordos subsídios. Alguns metem-se em altas e vergonhosas negociatas e depois vêm oferecer-nos concessões que de nada adiantarão ou que jamais poderemos aproveitar. Cogitam agora, os donos do capital, da casa própria para os operários. Para quê, se o custo de vida esta aumentando em progresso astronômica? Como pode um trabalhador viver, mesmo sem pagar alugueis, percebendo Cr\$ 4,00 por hora? Trabalhando 9 horas por dia num mês de 25 dias uteis, recebe êle o total de Cr\$ 950,00 com o desconto para o Instituto de Aposentadoria da classe correspondente. Com êste salário pode o operário manter-se e a sua família com 3 ou 4 filhos? Que respondam os matemáticos, que respondam os fazedores de leis, que respondam os que tudo prometeram quando necessitavam de votos para se elegerem "**representantes do povo**" e salvadores do operário esfomeado e atacado da peste branca — a tuberculose.

Se a classe dos trabalhadores não se esforçar organizando-se em resistência econômica, jamais terá a paz nos seus lares; jamais poderá viver como seres humanos, dotados de raciocínio, pois sendo o bem estar físico, a base primordial, faltando êle, continuará o trabalhador curtindo a fome, a nudês, a miséria.

Reclamam os industriais a queda da produção. Porquê não estudam a causa dêsse mal para combatê-la? Entretanto, logo após a carnificina da guerra, ante tanta miséria apareceram os novos ricos e grandes industriais. Os trabalhadores, alicerces dessas riquezas, ficaram em condição de sómente implorar um pedaço de pão para si mesmos e suas famílias. Como valvula de segurança e após muita querela dão-lhe um aumento de salário que longe fica do aumento tido pelas utilidades e que sôbre elas recairá fatalmente.

Assim vivemos num eterno círculo vicioso. Quanto mais alto o nosso salário menos utilidades poderemos adquirir com êle. Um exemplo: há mais ou menos 46 anos, em Cordeiro, municipio de Limeira, estive instalando o serviço de iluminação elétrica local. Nessa época ví, muitas vezes os sitiantes da redondeza oferecerem ovos, a "200 reis" a duzia. Havia grande fartura deles e dificil se tornava para um desses comerciantes, vender 4 a 5 dúzias de ovos num dia. Porque hoje custam os ovos Cr\$ 11,00 a Cr\$ 15,00 por duzia? A batata custava 200 ou 300 reis o quilo, porque hoje custa em média Cr\$ 4,00 ou Cr\$5,00. Antigamente não existiam tratores nem outros mecanismos agrícolas que facilitassem, a produção e a diminuição de preços dos produtos. Entretanto hoje, com todos os aperfeiçoamentos mecânicos, a vida tornou-se difficilima. Se estudarmos a causa encontraremos uma infinidade de intermediários entre a produção e o consumo. Êsse elemento deve deixar de existir. Não que os homens que se dedicam a êsse mister sejam proibidos de viver. Êles deverão ter a subsistência garantida mas, com a condição de não mais explorarem os seus semelhantes á custa de produtos para os quais não deram uma parcela sequer de seus esforços para que fossem postos ao alcance do consumidor. O comerciante intermediário onera mais os produtos que passam por suas mãos. Isso é um mal que não pode continuar grassando. Causa êle a nossa insegura, difficil e miserável existência. Govêrno algum, no mundo, tratou dêsse ponto de vista; se nós, trabalhadores, não tratarmos dêle, nunca conseguiremos eliminar a miséria que, pretende morar conosco todo o sempre.

Êsse mal é mundial de sorte que para que a paz se realize é necessário irmos nos orientando num sentido universal, estabelecendo no planeta o sistema de trocas.

por meio de cooperativas de produção e consumo. Assim, o fictício poder do ouro, por nós alimentado automaticamente, desaparecerá e o sossêgo reinará na face da terra entre os homens, as famílias e as nações. A vida física depende da terra e esta, passando para o domínio cooperativista, possibilitará a distribuição dos produtos com justiça e equidade. O produto da cooperação pertence a todos, de acôrdo com as necessidades dê cada qual, individualmente ou em grupos e coletividades.

ANTONIO BORREGO

O COOPERATIVISMO

O cooperativismo é o precursor e a base fundamental da reforma social.

O sistema cooperativista, em geral, não tem sido orientado para a sua finalidade. Existem, com o rótulo de cooperativas, muitas sociedades que não passam de grandes “trusts”organizados. As finalidades de uma cooperativa de consumo é exclusivamente beneficiar os seus associados. Entretanto, vemos na Capital e no Interior do Estado, inúmeras organizações cooperativistas, com dezenas de anos de existência, que até hoje não livraram os seus sócios do grande mal que aflige a maioria—a miséria, origem da fome — Tudo porque não conseguiram libertar-se dos intermediários. E onde se encontra um intermediário, alí se acham tôdas as dificuldades e impecilhos.

O próprio Estado ou os Governos constituídos, aparelhados com a fôrça policial e o poder judiciário, não conseguem antepor-se ao aumento constante e progressivo dos preços dos gêneros de primeira necessidade.

A propósito, reforçando êsse nosso ponto de vista, publicou o Diário Popular, de 3-3-1948, uma colaboração sob o título "GRUPOS PODEROSOS E HABELS MANTÉM NO PAÍS A CARESTIA ORIGINADA PELA INFLAÇÃO. NÃO BASTA DETER AS EMISSÕES, É MISTER INCENTIVAR A PRODUÇÃO E REGULAR O ABASTECIMENTO DO MERCADO INTERNO".

A seguir transcrevemos um dos seus trechos:

Além disso o govêrno teima em desconhecer a realidade dos dias que correm, de concentração agravada no campo da economia. O mercado está praticamente nas mãos de grupos poderosos e hábeis, bastante poderosos para controlar a entrada e saída dos artigos fundamentais, e suficientemente hábeis para fazer dêsse contrôle uma fonte de enriquecimento maior.

Como exigir que determinado grupo comercial, concorde em vender mais, com o risco de ter de baixar os preços, se vendendo, menos consegue os preços altos e ganha, portanto, aquilo que lhe apetece? São estas realidades, nem sempre conhecidas ou pelo menos confessadas pela administração, que explicam o paradoxo da atual situação. Depois de se haver falado tanto da emissão, que constitui, sem dúvida, um mal quando realizada com o fim de cobrir o "deficit", chega-se á conclusão de que outros males existem, sem que para êstes o govêrno logre adotar um remédio á altura".

Por essa publicação podemos aquilatar a impossibilidade de combater-se a carestia da vida não só aqui no Brasil como em todo o mundo. Os defeitos se encontram no próprio regime atual falsamente cognominado de "**democracia**". Daí o meu apologismo pelo cooperativismo, cooperativismo possuidor de fontes de produção—fazendas, indústrias. As cooperativas deveriam progressivamente adquirir as terras de produção e nelas instalarem as indústrias primordiais a começar pela de tecidos, calçados e objéto de uso contínuo, e indispensável.

O Estado concorreria com o seu auxílio ampliando o número de escolas agrícolas fazendo aumentar a produ-

ção e fornecendo-a às cooperativas dos funcionários públicos e as outras dependentes. Os preços assim baixariam naturalmente e evitariam o círculo vicioso do aumento constante dos salários e alta de preços.

Por balancetes publicados, de diversas cooperativas, vê-se que os seus sócios recebem a sua parte do lucro obtido durante o ano. Porque, ao envez de receberem moeda corrente não deixam essa verba para a compra das terras de produção? Essa nova orientação poderia ser dada pelo Departamento do Cooperativismo do Estado. Haja visto a cooperativa da Companhia Paulista de Estradas de Ferro que há tempos atrás possuía dois milhões de cruzeiros em apólices do Estado. De que vale para os seus associados, essa quantia, se agora os operários da Estrada estão preparando outro dissídio coletivo visando o aumento de salários? No entanto êles têm em suas próprias mãos a liberdade e independência econômica. Se promovem dissídio coletivo é porque em última análise faltam-lhes os gêneros de primeira necessidade com que satisfarão a fome.

Os dissídios não virão resolver o caso, antes agravarão ainda mais. A solução definitiva acha-se na própria terra. É dela que dependemos, é dela que virá a libertação total do homem de todos os laços exploradores, que o prendem, pois que ela dará às cooperativas todo o necessário para o bem estar geral.

Quando os povos tiverem conhecimento da verdadeira finalidade do sistema cooperativista a fome e a miséria desaparecerão da face da terra; o desemprego deixará de existir e reinará no mundo a verdadeira fraternidade oriunda da cooperação entre os Homens, a Família e o Estado.

COOPERATIVISMO — INFLAÇÃO E CONGELAMENTO

Cuidam os governos do congelamento do custo das mercadorias e do salário.

Como podem, por êsse meio, controlar a carestia? O único remédio viável e eficiente seria o aumento da produção e a eliminação simultânea dos intermediários. Isso só se pode conseguir se a classe produtora ou os assalariados cômicos de seu poder e ainda o Estado, aumentassem a produção agrícola, inclusive a das escalas de agricultura, para fornecê-las ás cooperativas de consumo popular. Não é mais possível a permanência de tantos intermediários da produção em forma de comercio, bancos e financiadores que visam um único fim — a exploração e o enriquecimento de meia duzia em detrimento da maioria que trabalha e produz.

Temos necessidade de uma reforma política (arte de governar) do mundo. Não podemos mais continuar a obedecer ao império da inconciência quando, num país como o Brasil, com grande parte de suas terras em completo abandono, vivem, nas cidades, legiões de famílias na mais negra miséria. A tuberculose, numa progressão devastadora, encontra nessa promiscuidade o seu maior campo de propagação. As autarquias encarregadas da solução dos problemas consomem as verbas destinadas áqueles fins e, assim, passam-se os anos. Acompanha-nos uma bagagem volumosa de improvisações oriundas da falta de compreensão do Estado e de seus secretários e dirigentes de

departamentos que não têm outra finalidade que esgotar o tesouro público em detrimento da maioria dos habitantes de uma nação riquíssima de reservas naturais e tão pobre de homens capacitados para administrá-los.

E' preciso tomarmos novos rumos em benefício da coletividade; é preciso despertar nos homens de Estado o verdadeiro sentimento de solidariedade. Não podemos esperar efeitos salutareos e bondosos com o troar dos canhões e com o explodir das já celebres bombas atômicas. O remédio encontra-se na terra e no que ela produz, organizando-se as cooperativas com produção própria progressivamente instalando-se as Fazendas Agro-Industriais, tendo-se unicamente em mira o bem estar de todos.

Com a crise atual nasceu uma infinidade de organizações e autarquias com finalidades diversas, de parte do comércio e das indústrias. Entretanto tôdas essas organizações são unilaterais; não poderão jamais exterminar o mal estar social.

Que adianta para um operário ter o restaurante popular para as suas refeições se sua família continua passando necessidades; que adianta ao operário satisfazer sua fome em um ambiente mais higiênico se ao voltar ao lar não encontra nele o conforto que necessita? Sua residência é um porão ou uma favela, sem água, sem luz, sem esgôto. Falta-lhe o agasalho e ainda, por desgraça, o seu ordenado não dá nem para a satisfação de suas mais prementes necessidades.

O remédio é outro. Em primeiro lugar os industriais deveriam localizar seus operários junto ou o mais próximo possível de suas fábricas, e aí estabelecerem os armazens cooperativistas dirigidos pelos próprios operários. Naturalmente exigiriam, deles a maior honradês administrativa afim-de que se orientassem paulatinamente para o bem estar coletivo. Com essa solução teríamos evitado

o transporte e aproximado a família. Ao mesmo tempo reduzir-se-ia o custo das necessidades, pois a produção seria remetida diretamente da fazenda á cooperativa de consumo.

Mesmo que uma grande parte das indústrias não consiga terrenos próximos ás fabricas, poderiam localizá-los em um só local onde facilmente poderiam ir os veículos de propriedade da fábrica afim de transportá-los ao serviço pela manhã, no almoço, e a tarde ao término do expediente trazendo-os de volta. Dêsse modo dariam êsses industriais uma prova de compreensão e de solidariedade para com aquêles que são o sustentáculo de suas fortunas, conseguindo assim prolongar por mais tempo o domínio do capital. Se permanecerem como atualmente, darão morte prematura ao capital e a si mesmos.



COOPERATIVISMO E A MORTALIDADE INFANTIL

Os jornais publicaram uma estatística demonstrando que entre mil nascimentos, perecem duzentos, ou seja, 20% do total. Essa é uma porcentagem assustadora para os homens que fazem uso do raciocínio e se continuar a prevalecer o descaso na fiscalização dos gêneros de primeira necessidade, principalmente do leite e seus derivados, essa porcentagem tenderá a aumentar.

Como resolver êsse problema tão complexo, cujas fontes de produção estão tão espalhadas pelo país?

E' o que vamos tentar e descrever nosso pensamento a respeito. Não é a primeira vez que externamos o nosso modo de pensar sôbre a profunda desorganização social na qual o homem não vê e não pensa em outra cousa senão no **vil metal**.

Se não modificarmos o atual sistema educacional, jamais teremos um mundo civilizado onde o homem possa e deve viver na consciência própria, julgadora dos seus atos e zelando também pela vida do seu igual e semelhante.

Enquanto não existirem homens conscientes, o Estado organizará outro sistema político administrativo, visando a distribuição das utilidades agrícolas e manufaturadas. Êsse sistema seria o cooperativismo que facultaria vir a produção diretamente da fonte produtora para os armazens reguladores da distribuição, evitando-se, dest' arte os intermediários criminosos que falsificam, estragam e degenoram, não sómente os gêneros de primeira

necessidade, como deturpam inconscientemente a expressão da própria vida.

Por isso é preciso que o Estado tome uma nova orientação, afastando dos centros distribuidores êsses doentes mentais, ávidos de ouro, que para conseguir dinheiro sacrificam crianças, adolescentes e adultos. Basta atentarmos para o problema do leite que nos é impingido aqui em São Paulo, para termos uma idéia da inconsciência com que êles agem. Depois de retirarem do leite o melhor das suas propriedades nutritivas, ainda adicionam água preparada quimicamente ou até suja para aumentar o seu rendimento e valor monetário.

Os responsáveis pela morte de centenas de crianças, no fim de cada ano recebem em dôbro os juros do capital empatado e as suas consciências não os acusam do crime que cometem, porque tendo satisfeito o fisco com o pagamento dos impostos (os intermediários criminosos) julgam adquirir o direito de sacrificarem seus semelhantes, exclamando: Somos Industriais, Comerciantes e basta!!!

E' preciso que o Estado ou seus agentes, que tanto falam e exaltam o patriotismo, para terem homens que defendam as instituições lhes dê pão, tétó e vestuário. E êsses elementos saem da terra. E' ela que os produz, é dela que dependemos.

Portanto, rumo á Lavoura, organizando fazendas mixtas cuja produção deve ser remetida aos armazens cooperativistas para que a distribuição seja feita sem a deturpação criminosa dos intermediarios, evitando-se, assim a mortalidade infantil.

Quanto á proteção á gestante é quase nula ou insignificante e essa lacuna também vem concorrer para termos uma população com cêrca de 30 % de indivíduos atacados pela peste branca, a tuberculose.

Muito tem concorrido para êsse deplorável estado em

que nos encontramos a falta de higiene industrial. Podemos garantir que aqui no Brasil, um país de grande capacidade produtiva, tudo está por fazer e se não aparecerem brasileiros com um patriotismo são, cheio de amor á terra e a seus semelhantes, que organizem um programa tendo por base a agricultura, então, cada vez mais, caminharemos para a ruina econômica e social.

E' preciso não permitir a exploração de intermediários desonestos, para não, presenciarmos essa vergonhosa calamidade que dizima a infância e aumenta progressivamente a peste branca no seio da população.

E' preciso despertar a consciência dêsses políticos que assaltam o poder, com o objetivo exclusivo, de se valerem do tesouro público, para distribuirem favores, cargos e sinecuras aos seus e aos que servem de seus asseclas.

Necessário se torna que os filósofos e pensadores concientes se reunam e trabalhem em benefício dos seus iguais. Precisamos escrever, organizar conferências e propagar por todos os meios, os são princípios de uma moral justa e baseada na equidade e na distribuição dos produtos oriundos do trabalho agrícola ou industrial. E' preciso despertar a consciência humana e não podemos mais continuar a mendigar aquilo que com trabalho e amor obteremos, pois, a terra é o verdadeiro celeiro da vida animal e sendo essa vida satisfeita teremos um espirito alegre e prazenteiro na sua manifestação entre os nossos iguais, e semelhantes.

O COOPERATIVISMO OS COMANDOS E A COMISSÃO DE PREÇOS

Lendo as notícias publicadas no jornais vemos o quanto temos ainda que andar e trabalhar afim de sanear o ambiente onde o homem vegeta. Comandos, Comissões de Preços, tabelamento, coordenação, racionamento tornam-se inúteis enquanto o homem não for educado em princípios de responsabilidade. Os comerciantes e os industriais, quase na generalidade, não têm consciência da responsabilidade moral e da equidade, pois se tivessem não impingiriam aos fregueses mercadorias estragadas que pertubam a saúde, abrindo o campo para o ingresso de epidemias e molestias contagiosas.

Essa noção só pode ser inculcada, na escola. É lá que devemos ensinar ás crianças os principios de higiene e responsabilidade moral. É na criança de hoje, homem de amanhã, que se estabelece facilmente as bases dos verdadeiros ‘comandos’. Enquanto o homem não tiver êsses sólidos conhecimentos é inutil querer-se sanear um meio contaminado por um mal que vem do berço.

A escola, o cinema, o rádio e o jornal muito poderiam concorrer para a melhoria da condição social do homem sôbre a terra.

A propósito do assunto dêste artigo vou citar um fato recente:

No 1º.Congresso Regional Médico-Sanitário do Estado realizado em Sorocaba tratou-se de tudo: cooperativas de assistência hospitalar e de outras finalidades, mas

o principal, o mais urgente, que seria a alimentação higiênica e vitaminada, a habitação confortável e salubre tendentes a evitar a propagação de molestias, não entrou em cogitação. Até parece que os homens que obtém pergaminhos só conseguem viver a custa da miserável condição de vida de seus semelhantes. Pensar sómente em hospitais e cooperativas de assistência médica e de sejar o incremento da miséria que possibilita o aumento dos males do corpo e do espírito. O certo, porém, é que devemos, a todo preço, evitar que os homens adoeçam. Isso só se conseguirá dando-lhes uma boa alimentação e higiênica habitação. Os hospitais, assim iriam se despovoando e os homens teriam fôrça, energia e capacidade para defender a terra que tudo lhes dá para uma vida feliz e alegre.

Não foi para outro fim que se fêz o mundo e a humanidade para habitá-lo. Agora, a respeito das comissões de preços, o que têm feito elas? Nada! São um fracasso. Um produto, tabelado, temos visto, é logo retirado da praça. Desaparece como por encanto, pois o comerciante entende que, uma vez tendo pago o imposto, pode agir como lhe apraz. E assim tem sido sempre. Entretanto, se fizermos uso do raciocínio logo atingiremos os meios necessários para a resolução desses problemas. As comissões de preço procurariam, então, as fontes de produção, organizando armazens cooperativistas para a distribuição dos gêneros de primeira necessidade. O negociante X que ficasse, então, com sua mercadoria armazenada, servindo de pasto aos insetos e fermentos. E' esse o único meio que possibilita a baixa dos preços e a fixação respectiva numa base que a todos viria beneficiar. Sem isso as comissões de preços tornam-se inúteis e pêso morto nas rendas do Estado.

A "Folha da Manhã" publicou recentemente uma no-

ta pela qual bem se pode avaliar para onde marchamos. O governo federal está interessado em conceder aumento de vencimentos aos funcionários civis e militares da União. Para êsse aumento irá necessitar de seiscentos milhões a um bilhão de cruzeiros. Se o governo empregasse essa importância na agricultura, por conta do Estado, fornecendo a produção aos funcionários por preço de custo majorado de sómente 10% para cobertura das despesas da distribuição, garantimos que o custo de vida teria uma baixa de cêrca de 50%, propiciando aos funcionários um real aumento de salário.

E' disso que todos nós precisamos pois a alta dos preços é mantida pelos intermediários e açambarcadores. Procuremos, então, o meio de evitar-se a ação funesta, dêesses elementos e mesmo eliminá-los completamente com a organização das cooperativas com produção própria. Não pensaríamos mais em aumentos de salários, verdadeiro círculo vicioso. Em pleno funcionamento as cooperativas de consumo, organizaríamos em seguida as cooperativas de construções que dariam a todos, os meios de possuírem moradias baratas e confortáveis. Para essas construções seriam ouvidas "As Instituições das Comissões Municipais de Assistencia".

Com isso teremos dado um passo firme para a realização da verdadeira sociedade humana onde todos indistintamente possuiriam o Pão, o Têto e o Agasalho. O Estado tem por, dever dar assistência a todos os cidadãos de seu território. Foi com essa finalidade que êle se constituiu não só no Brasil como no mundo inteiro. Todos êles, agindo assim para o bem do povo, estariam combatendo tôda ideologia extremada tendente a fomentar a desordem e a aumentar as incertezas sociais. Não nos interessam os rótulos dados aos govêrnos constítuidos do mundo. O que queremos e desejamos sinceramente é que os habi-

tantes de tôdas as nações fiquem satisfeitos em suas necessidades físicas, intelectuais e espirituais. Para a realização desses são princípios é necessário que os Chefes de Estado tenham em mente a necessidade de novo método de distribuição das utilidades á população.

Não podemos continuar sob a vontade de pessoas inescrupulosas e mesmo criminosas que nos vendem mercadorias deterioradas que prejudicam a saúde pública. Os que agem assim deveriam ser passíveis de penas semelhantes aos que assassinam covardemente.

E são êsses mesmos inconcientes que quando da visita de chefes de Estado, preparam-lhes banquetes e luxuosas recepções á custa dos seus semelhantes. As cooperativas de produção própria virão sanar êsse grave defeito social, trazendo a paz para o mundo. Estando o homem confortado e bem alimentado a produção agrícola e industrial prosperaria grandemente e a Nação se engrandeceria tendo seus habitantes sempre prontos para defendê-la em qualquer emergência.



COOPERATIVISMO E CARIDADE

Quão entristecido, fico quando, ao passar pelas ruas centrais da cidade, observo a enorme quantidade de pedintes, as barricadas-cofres-pedintes mudos, em favor desta ou daquela associação, as rifas sem conta de automóveis visando beneficiar instituições religiosas ou particulares e todos agindo em nome da “caridade” para continuarem a manter a pobreza. Sim! manter a pobreza, pois acobertados pelo manto da caridade vivem legiões de indivíduos e seitas religiosas.

Se possuíssemos uma bem organizada assistência social não ouviríamos comentários radiofônicos a respeito de fatos dolorosos como o daquela moça que tendo somente 20 anos de idade perdeu a vida por falta de alimento **“Morreu de fome”**.

Este fato vergonhoso para um país como Brasil, de terras férteis ainda inexploradas, torna-se muito mais grave tendo-se em vista a propaganda feita, de sermos civilizados, caridosos, amantes do próximo e reconhecidamente religiosos. Falsa civilização! Hipócrita religiosismo! Máscara de amor! Tudo isto demonstra simplesmente grande falta de assistência social, pouco caso ou descaso por parte do Estado, desvirtuado completamente de sua máxima finalidade que é o amparo indistinto a todos os seus cidadãos.

Os séculos assim vão se sucedendo e os homens não se compenetraram de seus deveres e não procuram sanar

tantas vergonhas que mancham indelévelmente o povo todo, cuja maioria miserável ouve e lê constantemente que somos civilizados, humanitários e "**crístãos**".

Segundo nosso modo de pensar, a única solução para êsse problema está no estabelecimento das cooperativas de consumo com produção própria. Muitos dirão que nós não passamos de "**utopistas**", maníacos, obsecados, por uma idéia fixa qual a de aplicar o mesmo medicamento á tôdas as moléstias sociais. Mesmo se assim fôsse, pretendemos provar áqueles que possuem liberdade de raciocínio, que o cooperativismo é de fato o remédio que virá sanar todos os problemas sociais com a eliminação completa da miséria sob qualquer aspecto que se apresente.

Não há muitos dias tivemos, pela notícia dos jornais, a prova da ineficácia do Serviço Social das Indústrias. Pois, esta organização não conseguiu evitar, até agora, que os operarios tivessem necessidade de recorrer ás greves ou "dissidio coletivo", como recentemente sucedeu com milhares de tecelões, afim de reclamarem melhoria para a sua penosa existência. Sindicatos, caixas de pensões e aposentadorias, "SESI" e "SESC", não têm evitado as desgraças e misérias que são hóspedes habituais daquêles que tudo produzem e pouco usufruem. As cooperativas com produção própria, porém, tudo virão sanar, dando aos seus associados, nas fazendas, nos sertões, nas pequenas e nas grandes cidades, na indústria, na agricultura, o que êles necessitam para o seu confôrto, seu alimento, seu vestuário, sem necessidade de recorrerem á **mentirosa caridade pública**, caridade que só mantém a sua vida animal, depois que trabalharam e concorreram para a manutenção dessa falsa sociedade.

As organizações cooperativistas têm capacidade para

a manutenção dos sócios velhos e incapacitados para o trabalho normal, dando-lhes também tudo o que precisarem, coisa que as caixas de aposentadoria não fazem porque cuidam somente do pagamento de subsídios gordos á enorme legião de seus funcionários. Nessas caixas, geralmente, os funcionários nem ao menos possuem a solicitude requerida para atenderem aos contribuintes que os procuram, esquecidos de que são êsses contribuintes que garantem os seus vencimentos mensais, com os descontos obrigatorios que mensalmente pagam aos Institutos. E na hora de um merecido descanso, por motivo de moléstia ou pela idade avançada, vêem os associados ou contribuintes dos institutos, que os seus vencimentos tão parcos, ainda são inexplicavelmente diminuidos. E a legião dos famintos aumentam em progressão espantosa, sendo preciso que os mais corajosos, procurem um novo trabalho para a sua manutenção ou para o prolongamento de seu sofrimento como consequência ou prêmio de sua contribuição "**forçada**" para aquela autarquia

Como associado de uma organização cooperativista, possuindo produção própria, o trabalhador, no final de sua existência, não passaria necessidade alguma, pois a terra tudo possui para lhe fornecer. Tudo é uma questão de iniciativa e principalmente de convicção e fôrça de vontade. A classe operária em geral concorre para uma infimidade de iniciativas como sindicatos, caixas de pensões, sociedades de auxílio médico e farmaceuticos, além de outras contribuições para fins religiosos. Até hoje ninguém cogitou de uma sociedade de —AMIGOS DA TERRA — nossa mãe comum. Sem a produção agrícola não subsistirá a sociedade, desaparecerá a indústria e a propria vida animal se extinguirá. Tudo se tornará em caos e misérias. Para que isto não se torne em cruel realidade,

temos necessidade de volver os nossos olhares e carinhos para essa bondosa mãe — a terra — organizando as cooperativas de consumo, com produção própria. Só assim daremos um fim a essa vergonhosa “caridade” que só é praticada “aos sábados”, segundo o que ouvimos ser dito aos que vão batendo de porta em porta e que nem sempre são verdadeiros mendigos ou necessitados. São os exploradores da benevolência alheia, viciados no pedir que impedem o socorro aos que verdadeiramente precisam. Êstes, então, só aos sábados podem se alimentar!

Com as cooperativas de consumo, com produção própria, o homem terá tudo que precisa: TRABALHO — PÃO — AGASALHO e PAZ DE ESPÍRITO.



O COOPERATIVISMO E A ONU

UM DESPACHO DA AGÊNCIA REUTERS DE 5 DE MAIO P.PASSADO, TRANSCREVE O SEGUINTE:

"Southampton 5 (Reuters) — "Sir" John Boyd Orr, diretor-geral demissionário da Organização Agrícola e Alimentar da ONU, declarou ontem nesta cidade, que a menos que o problema alimentar do mundo seja resolvido, dentro de 50 anos só existirá o caos na superfície da terra.

Falando aos jornalistas pouco depois do seu desembarque "Sir" Boyd Orr declarou:

"A raça humana corre desesperadamente para a destruição. Há apenas 50% de oportunidade e se conseguir uma reconstrução alimentar do mundo. As nações, indistintamente, perderam a noção da sanidade mental. Estão dispendendo um terço da sua renda nacional na preparação da nova guerra, aplicando suas energias na construção de uma poderosa máquina de guerra, em vez de usar, o ferro e o aço, a produção industrial e a sua capacidade de trabalho na conservação dos recursos de terra".

Temos percebido que nos últimos tempos, as pessoas de boa vontade se quedam diante da insensatez que acompanha a maioria dos homens, sim, porque analisando a

opinião do ilustre diretor-geral demissionário da Organização Agrícola e Alimentar da ONU, temos que convir que tôda a humanidade está possuída da febre demoníaca de prejudicar ao próximo, contanto que os seus apetites sejam satisfeitos com o ouro que corrompe consciências.

Muito significativo é o fato de depararmos com a transcrição do telegrama acima, visto que o mesmo, encerra um sentido amplo, profundo e altamente moralizador dos costumes ora adotados pelos governos de todo o mundo, como afirma o articulista,

Sem dúvida representam estas palavras um mundo de sabedoria e uma advertência propícia á era que atravessamos.

O Mundo tem fome de alimentos que representam o suficiente de calorias para subsistir á época cruciante que atravessamos. Se voltarmos os olhos para traz nos apercebemos que o espetro de terror nos segue, pois, vislumbramos milhões de desgraçados que sofreram as consequências da desorganização humana, pagando com suas vidas, faina de conquistas que avassalou o cérebro de ditadores que, em verdade, nada mais representaram do que indivíduos desequilibrados, ávidos de conquistas, senhores de muitos povos, açambarcadores de poder e, ainda mais, sequiosos em agrilhoar consciências libertas de quaisquer preconceitos.

Se a ordem é a de que se dê aos que têm fome o alimento suficiente para lhes satisfazer essa necessidade biológica, então, que se trabalhe para solução desta necessidade. Pergunta-se: como resolver? Enviando-se os homens, as mulheres, as crianças para as fábricas resolverem êsse angustioso problema? Positivamente não!

Evidentemente a indústria traz a qualquer Nação muitos proveitos visto que os produtos exportados trazem

equilíbrios em sua balança econômica, em vez que produzindo o suficiente para bastar o seu mercado interno e, logo a seguir exportar os excessos de sua fabricação, terá, certamente, esta Nação, meios com que cobrir os efeitos da importação, principiando pelos gêneros de primeira necessidade aos elementos básicos para a sua industria, ou seja ,a importação da matéria prima para que ela assim se transforme e venha a dar á balança econômica do país adotante desta prática, os recursos de que necessita para intervir naquilo que o seu povo reclama, ou seja, o pão e os demais alimentos necessários ao aproveitamento do homem em suas fábricas.

Por acaso êsse método não é adotado pela maioria dos países altamente industrializados que não possuem no todo a matéria-prima de que necessitam? Creio que sim.

Urge que os homens capazes se associem em idéias e realizações no campo pratica, afim de formarem em benefício geral, cooperativas de produção própria, facilitando assim o poder aquisitivo do homem da fabrica, do escritório e mesmo do campo.

E' sabido que as maiores barreiras são representadas pelos intermediários, assim sendo, a única solução seria o estabelecimento das cooperativas de consumo, distribuído-ras de suas próprias produções.

O COOPERATIVISMO e a ECONOMIA DIRIGIDA

Economia dirigida é sempre orientada pelo Capitalismo

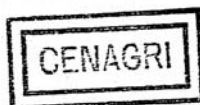
Uma vez desaparecendo a causa — govêrno ditatorial — vem a inflação. E' o que estamos presenciando agora, no mundo todo. Mesmo os países que não foram governados por uma ditadura, tiveram, que se sujeitar ao regime e circunstâncias impostas pela guerra, pois o militarismo torna-se neste momento o único governante. Como resultado eleva-se o custo de vida em proporções alarmantes ao mesmo tempo que se estabelece a desordem na produção com o advento das greves e dissídios coletivos. Em seguida vemos, ao lado do capital aumentado vicejar a negra miséria.

O regime capitalista está falido, sem orientação segura e sem direção certa. Sendo assim, o nosso dever é procurar outro sistema mais perfeito que vise a distribuição equitativa das utilidades humanas. Sem dúvida alguma esse novo sistema é o cooperativismo "**com produção ção própria**". Cooperativismo não é economia dirigida; é a produção agrícola e indústrial, distribuida com justiça e equidade, dando a cada um de acôrdo com as suas necessidades. O atual sistema de distribuição das utilidades humanas é que dá origem á funesta separação dos homens em classes sociais; nobres, médias e inferiores — classe dos trabalhadores, os verdadeiros construtores de tudo quanto possuímos, pois, é certo que o capital tem sua base,

na produção do trabalho. O capital, neste caso, deve passar para um plano inferior para deixar de ser como agora, o martirizador dos trabalhadores do mundo. Com a organização vigente atualmente dominada pelo capitalismo (por ignorância dos que trabalham), os governos constituídos — monarquias, republicas e quejandos — não conseguem dar um rumo certo á sua economia interna. Terminou há certo tempo a última conflagração e êles estão patrocinando o pedido de pacotes de produtos alimentícios e vestuários como tempos visto mais vezes com a Italia. Entretanto, recebemos dêsse país: queijos, vinhos, azeites, nozes e outras iguarias alimentícias de primeira ordem além de tecidos finos que bem poderiam alimentar e vestir os famintos daquêle país. Qual o motivo dessa contradição? E' o defeituoso sistema reconhecidamente prejudicial á paz do mundo, é o capitalismo oriundo de uma falsa concepção de nossa existência e que muito tem concorrido para a persistência de uma instrução e educação defeituosa, baseadas em princípios errôneos.

Os homens, assim educados, não possuem o menor vislumbre do papel que representam no meio social. As suas vistas acham-se voltadas exclusivamente para o "vil metal" — o ouro — o embrutecedor das consciências. O pensamento que os domina é êsse: ganhar dinheiro a qualquer preço, mesmo sem saber o que fazer depois com êle. Êsse ganhar dinheiro é classificado pela sociedade atual como comércio ou indústria. Ainda, agora, lemos na mensagem do Sr. Ministro da Fazenda dirigida ao Exmo. Sr. General Presidente da República, estas notas:

"Importar casimiras da Inglaterra a noventa cruzeiros o metro e vendê-la a quatrocentos e oitenta cruzeiros; linhos da Irlanda a trinta cinco cruzeiros o metro e vendê-lo a duzentos e oitenta cruzeiros".



E assim acontece com todos os artigos nacionais e estrangeiros. Os intermediários querem a todo o custo ganhar muito sem se incomodarem com o rastro, de miséria que deixam em sua retaguarda. Os preços de tecidos acima mencionados não são, mesmo assim, o que verdadeiramente custam em suas origens, pois aqui chegam sobrecarregados com impostos e com os lucros dos exportadores. Podem garantir que o custo na fonte de produção é 50% mais barato. O único remédio para esse descabimento é o cooperativismo com produção própria. Quanto todos assim compreenderem, criaremos um mundo onde a religião do trabalho será a única cultuada, pois que verdadeiramente dará paz, sossego e despreocupação aos homens.

Onde iremos encontrar a causa determinante do alto custo de vida? Não é ela a especulação no sistema de troca da produção pela moeda? Os comerciantes, gananciosos por natureza ou por imitação, açambarcaram os produtos de mais procura e necessidade, para conseguirem a alta desejada. Quando a mercadoria se estraga não a inutilizam. Misturam-na com outra em perfeito estado e tornam a lançá-la no comércio, vendendo-a aos que inocentemente vão adquirí-la. O resultado é o que constantemente lemos nos jornais: casos de intoxicações coletivas produzindo não raras vezes a morte das vítimas. E apesar disso, tudo continua na mesma. Os comerciantes pagam ao Estado o imposto que lhes garante o direito de de envenenar o povo; estão no regime da "**democracia**" o que pugna pela liberdade absoluta de ação. Entretanto, é uma falsa democracia, porque para termos direito á liberdade deveremos respeitar os direitos de vida de nossos semelhantes. Por isso ser ignorado é que constantemente vemos comerciantes, já milionários, ávidos e ce-

gos, envenenando o seu igual, parente, amigo e sem as-ber, a si mesmo, por fazer uso da liberdade sem conheci-mento da “**responsabilidade**”.

Com a organização cooperativista possuindo produ-ção própria, tudo isso será saneado, inclusive o ambiente social. Então, pouco ou nada, irá influenciar no homem o valôr **dinheiro** que será substituído pelo valôr **trabalho**. O produto dêsse trabalho distribuído aos cooperadores com pêso certo, sem ser deturpado, nem estragado, virá dar-lhes a tão almejada PAZ.

UM BRAVO AO SER HUMANO QUE IDEALIZOU
O SISTEMA COOPERATIVISTA



O COOPERATIVISMO E A EDUCAÇÃO

No primeiro artigo desta série dissemos que o sistema cooperativista é o **precursor da reforma social**. Ora, a reforma social deve-se iniciar com a reforma moral, sendo a educação o pedestal ou alicerce para se chegar ao fim colimado. Sendo assim, a educação deve merecer um especial carinho dos poderes competentes. O cooperativismo em plena atividade proporcionará êsse carinho dando de fato um novo aspecto ao problema educacional.

Os edifícios escolares serão construídos nas fazendas de produção das cooperativas e neles, os alunos terão todo o conforto de que necessitam e a mais ampla assistência física e intelectual para que amanhã tornem-se homens fortes, conscientes da necessidade de trabalhar. A certeza de que a vida social está baseada na agricultura jamais seria esquecida. Com essa orientação podemos garantir que não se daria o caso, ora verificado, do deserto em que se tornou a escola agrícola que o governo inaugurou no Estado do Rio, onde se apresentaram á matricula sómente 4 candidatos.

Porque tanta indiferença? E' porque não possuímos escolas onde as crianças iniciem a formação de sua mentalidade encarando como de máxima necessidade ao meio social todo e qualquer ramo de atividade. Mais tarde, já familiarizados com essa idéia, não se negariam cursar escolas como as agrícolas, bem, como, as que dão a base para o conhecimento da fabricação de tecidos, maquinários e outras artes. Os alunos, para terem amor ao trabalho.

devem seguir, sem acanhamento, a vocação que naturalmente demonstrem. Com êsse fim devem êles encontrar na escola o mestre, conhecedor profundo de psicologia; que os ajude a seguir na carreira para que têm queda e que está em estado latente em suas personalidades, manifestando-se em momento oportuno independentemente da vontade do professor ou dos regulamentos ditatoriais dos ministérios da educação.

Em seu livro "As fôrças morais" escreveu José Ingenieros:

"O trabalho educacional implica a mais grave responsabilidade social. **Aquêle que aceita a tarefa de ensinar e não a desempenha eficazmente, causa um dano irreparável á sociedade que lhe confia o seu porvir. O mestre deve desenvolver em seus alunos tôdas as aptidões, pois que elas serão mais tarde capacidades que convergem para, o bem-estar de seu país. A maior eficácia do professor não se obtem sobrecarregando-o de trabalho, mas exigindo-lhe mais amor aos deveres. A vantagem não está em ensinar um homem durante muitas horas, senão que ensine bem e com gosto durante poucas.**

Quando o magistério se emancipar das influências políticas e dos torniquetes burocráticos terá úma liberdade de iniciativa até agora desconhecida. Segundo os resultados de sua experiência, cada professor poderá ensaiar novos métodos que aperfeiçoem a arte de ensinar. Os inspetores escolares não terão a missão de abrumá-los com regulamentos e formulários que entorpecem o seu trabalho, mas apenas o de coordenar as idéias colhidas por todos, na

experiência, para aplicá-las mais tarde na maior extensão possível”.

“Livres de qualquer imposição dogmática, os professores ensinarão a pensar envez de repetir, a crear envez de copiar. Nada os obrigará a ensinar aquilo em que não crêem. E’ invilecedora a tarefa de espalhar princípios ou doutrinas que se reputam falsas, por temor ás consequências da verdade”.

“Ao envez de serem obsequentes com as extintas doutrinas do passado, os professores seguirão ideiais vivos para o porvir.

Ninguem educa a seus pais, e seus avós mas a seus filhos e a seus netos. E’ preciso ponderar que cada geração necessita adatar-se ás novas condições do meio social. Educar e desenvolver a capacidade para trabalhar e o direito á vida presupõe o dever do trabalho. Ao entreabrir as inteligências e adestrár ás messes, é necessário prever que elas pensarão e trabalharão num ambiente moral em que se irão atenuando as iniuísticas e os privilégios”.

O livro de que tiramos a lição data de 1928. Foi impresso, portanto, há 20 anos e tudo tem continuado, e continua sujeito á mesma rotina burocrática.

Se não houver homens com coragem de corrigir êsses graves defeitos educacionais, ainda passarão anos e mesmo séculos nesse estado de ignorância.

O cooperativismo poderá ser, ou antes, vai ser o início de uma nova era de paz e de amor ao trabalho, porquê o homem educado nesses princípios terá vergonha de viver de expediente. O novo ambiente escolar a ser adotado pelo cooperativismo não permitirá, em absoluto, a

difusão, entre os escolares, dessas revistas jornais, ditos infantis, que só servem para deformar a infância. Quando essas crianças, assim educadas, tornarem-se homens, a sociedade estará remodelada, todos se respeitando mutuamente. O ouro, então, pouco terá que fazer, pois com o trabalho e sua, produção distribuída com justiça e equidade é natural o estabelecimento de uma nova mentalidade social, onde a liberdade verdadeira seria indiscutível. Quão diferente de hoje onde há falta de responsabilidade e de respeito mútuo, imperando a mentira organizada, desde a escola, sendo a cartilha inicial a formação das classes antagônicas de seres explorados por outros, seus iguais e semelhantes.

O sistema cooperativista será o grande ideal, que uma vez consolidado e em pleno desenvolvimento e produção, dará a todos os habitantes do planeta, aquilo que os raciocínios perfeitos almejam: a paz para sí, para a família, para a humanidade.

O ilustre poeta e filósofo Gomes Leal escreveu esta verdade:

"Todo homem deve ter noções de agricultura ainda que se destine a outro mistér; todo homem deve estar apto até aos cinquenta anos, a saber defender a terra e a saber lavrá-la, ser soldado e a ser lavrador".

Essa oportunidade o cooperativismo dará e proporcionará a todos os componentes da humanidade.

O COOPERATIVISMO E O MILITARISMO

A respeito dêsse assunto assim se manifestou o grande poeta e filósofo Gomes Leal:

“Todo homem deve ter noções de agricultura, ainda que se destine a outro mistér; todo homem deve estar apto, até aos cinquenta anos, a saber defender a terra e a saber lavrá-la; a ser soldado e a ser lavrador”.

A maior glória que o homem deve ter em mente é o trabalho. O trabalho dignifica o homem, o trabalho deve, pois, ser a sua única preocupação. Vejamos agora o modo de pensar de José Ingenieros através de seu livro “As forças Morais”:

O direito a vida é proporcional ao dever do trabalho. Tudo quanto constituí orgulho da humanidade é fruto do trabalho. O bem-estar e a beleza, o que intensifica e expande a vida, a dignidade do homem, o decôro dos lares e a glória dos povos; a espiga, o canto e o poema — tudo surgiu das mãos hábeis e da mente criadora. O trabalho dá vigôr aos musculos e rítmo ao pensamento; firmeza aos pulsos e graça às idéias, calor ao coração, têmpera ao caráter. A perfeição do homem é obra sua. Só por si mesmo consegue a liberdade e só de si depende a afirmação de seu domínio na Natureza.

O trabalho distingue a humanidade do

animal. Desperta as messes nos pampas, extrai metal luzente dos mais negros antros; converte a argila em lar, a pedreira em estátua, o trapo em vela, a côr tem quadro, a chispa em frágua, a palavra em livro, o raio em luz, a catarata em fôrça, a hélice em aza. Seu esforço secular crêu o poder do homem sôbre as fôrças naturais, dominando-as antes, para utilisá-las depois. E' obra sua a alavanca, a cunha, o machado, a roda, a serra, o motor e a turbina. Nada existe no mundo que não conserve o vestígio de suas virtudes, vencedoras do tempo.

Todo capital da humanidade representa trabalho acumulado; crearam-no as gerações que já trabalharam e são seus legítimos donos as gerações que hão de trabalhar. Os que usurpam algo dêsse capital comum para convertê-lo em instrumento do ócio, são inimigos da sociedade.

O trabalho é um dever social. Os que vivem sem trabalho são parasitas mórbidos, que usurpam aos outros homens uma parte do seu labor. A mais justa fórmula da moral social ordena imperativamente: “Quem não trabalha não come”. Quem nada leva para a colmeia não tem o direito de provar o mel”.

Só o trabalho produtivo libertará a humanidade da miséria, mas é preciso que a produção seja distribuída com justiça e equidade. Só por meio do cooperativismo isso será realizável. Daí a necessidade das fôrças armadas do país darem exemplos de cooperação. Enquanto necessitamos dessas fôrças, os quartéis que as abrigam, deveriam ser localizados em fazendas de produção ou seja

em fazendas agro-industriais. Assim os soldados teriam maior conforto e poderiam receber melhor soldo, pois o seu útil trabalho dar-lhes-ia esse direito. Ao mesmo tempo tornava-se uma realidade o pensamento de Gomes Leal: “Todo homem deve saber defender a terra e lavra-la”: E acima de tudo deve o homem ter amor aos seus semelhantes, isto é, a toda a humanidade. Não podemos mais continuar a mendigar aos outros aquilo que se encontra em nossas próprias mãos. Estamos assistindo agora á campanha do petróleo. Sendo êle a base da defesa do país, o ouro preto indispensável em tôdas as atividades, o próprio exército deveria cuidar de sua produção. Os conscritos do serviço militar teriam ocasião assim de defender e engrandecer o país, com o seu amor à pátria e ao povo brasileiro.

Assim, aos poucos, iríamos fazendo a nossa independência econômica. Os govêrnos ou seus ministros incrementam a imigração, por falta de braços. Entretanto mantém-se milhares de homens inativos quando poderiam, sem desmerecimento de suas personalidades, ser úteis a si mesmos, pois antes de saírem da caserna teriam aprimorado a arte em que antes empregavam as suas atividades. Assim, o pedreiro, o sapateiro, o alfaiate, o cosinheiro, como o médico, o dentista, o farmacêutico e o veterinário, seriam soldados e ao mesmo tempo continuariam exercendo os seus misteres. Todos produziriam para o bem coletivo, principalmente aqueles que têm o sacrosanto mister de fazer brotar da terra o nosso pão de cada dia. A êsses devemos a nossa vida animal. A êsses é que devemos glorificar como defensores número um da pátria, à pátria verdadeira, considerada como tal a humanidade.

O recrutamento de soldados não é processado com compreensão. Observando o local onde os moços em ida-

de de alistamento, vão se apresentar, vimos filas intermináveis durante dias e dias. Ora, êsse trabalho poderia ser executado nas sedes dos registros civis disseminados pelas cidades. Os moços não perderiam tempo, pois nesse mesmo local receberiam as instruções para se encaminharem a seu tempo para os quartéis.

Quando estiverem organizadas as fazendas agro-industriais ou fazenda-quartel, os conscritos receberiam no mesmo cartório o passe necessário para se encaminharem a seu destino. Assim, teríamos evitado o tempo perdido por muitos que passam semanas para verem-se registrados. As fazendas poderiam fornecer o suprimento de farinha e as sobras seriam encaminhadas as santas-casas, enquanto for necessário manter a **indigência**, pois que com a nova orientação econômica o Brasil dará uma nova modalidade de vida a seu povo, que glorificará o trabalho por dar-lhe todo o conforto de que necessita.

O cooperativismo, assim em execução, estará reformando a sociedade, sem entrechoques de classes e idéias. Tôdos os jovens seriam aproveitados em defesa, da pátria fornecendo a terra todo o necessário para mantê-los. Sem um eficiente preparo físico, intelectual, moral e sem o indispensável alimento sadío e vestuário apropriado, a pátria pode precipitar-se num abismo de que, no momento não poderemos, avaliar as conseqüências. O cooperativismo será o início de uma nova era para o Brasil e para a Humanidade.

O COOPERATIVISMO NA INGLATERRA

A Folha da Manhã de 7-7-48 publicou uma reportagem sob o título "O Movimento Cooperativista na Inglaterra Trabalhista", da qual, data venia, destacamos o seguinte:

"Lembremos que o movimento cooperativista inglês é um dos três pilares em que assenta o Partido Trabalhista Britânico, há três anos no govêrno".

Como vemos, o sistema cooperativista será a finalidade de todos os povos do mundo e será levado até a Federação Mundial de Cooperativas, quando tudo será intercambiado sem a necessidade de intervenção da moeda "ouro" — um dos grandes impecilhos à aproximação dos homens. As cooperativas até hoje existentes não seguiram as finalidades cooperativistas das quais uma delas é a desvalorização progressiva do ouro, a diminuição do seu poderio.

Em outro trecho do artigo lemos o que se segue:

"A cooperação é um método ou técnica de organização social, um modo de ação em que certos princípios são conciliados, equilibrados. E' por êsse motivo que as atividades cooperativistas, em qualquer sistema social, são construtivas e tendem para a unidade".

Esse comentário vem em meu auxílio, colaborar na tese cooperativista, que venho defendendo com sendo o

sistema que reorganizará o mundo, conduzindo-o para a sua verdadeira finalidade — a Paz entre todos os seus habitantes. Não é mais possível a persistência do sistema atual, com a infinidade de intermediários geralmente gananciosos, concorrendo para o desequilíbrio social e para a distinção de classes. Naturalmente a própria estrutura do Estado terá que se modificar, simplificando todos os serviços e diminuindo grandemente o seu funcionalismo. As repartições públicas serão postas efetivamente a serviço do povo que nelas será atendido com presteza e solicitude. As reclamações serão pouquíssimas e mesmo desaparecerão, pois o cumprimento do dever será a base de uma perfeita organização cooperativista. coisa que pelo sistema atual nunca será eliminada, devido à organizada burocracia que, para justificar-se deve ser morosa e complicada, cheia de departamentos e ministérios, cuja máxima finalidade é a absorção do erário público. Com o sistema cooperativista, organizado com a finalidade de servir e atender a seus associados tôda essa máquina inútil e dispendiosa desaparecerá, pois torna-se uma organização composta de produtores que são ao mesmo tempo consumidores.

O artigo acima referido não esclarece qual a engrenagem seguida na Inglaterra, mas o que é certo é que aos poucos, todos os cooperativistas de lá e do mundo, terão que ir remodelando o sistema até atingirem as verdadeiras finalidades do cooperativismo. O cooperativismo com produção própria, remodelará o mundo, dando-lhe paz e felicidade perênne. Quando a classe obreira tiver seus olhos abertos para a observação e raciocínio sobre o falso valor do sistema atual, verá que ela é a única explorada por uma legião de intermediários inconscientes. Buscará, então, o meio de escapar dêsse algoz, disfarçado em Bolsas, Bancos e Comercio. Esse maio, indiscutível-

mente, será o cooperativismo com produção própria ou, por outra, produção diretamente encaminhada ao consumidor. No sistema atual uma mercadoria ou objeto saído das mãos de um obreiro por Cr\$ 2,00 chega às mãos do consumidor por Cr\$ 6,00, ou mais. Existem mercadorias que são cobradas com maior ou menor porcentagem de lucro, dependendo de tarifas aduaneiras e vários impostos decretados pelo govêrno. O Estado concorre para o aumento dos preços, pois, ao envez de procurar a fonte de produção e distribuí-la equitativamente, organiza departamentos burocráticos, comissões de tabelamento que tomam resoluções que nunca são cumpridas, por ferirem os interêsses dos intermediários. Tudo permanece na mesma, senão agravado e ainda mais desorganizado, pois os componentes dessas comissões e departamentos, geralmente desconhecem o custo da produção em sua origem e baseiam as suas relações nos dados fornecidos, pelos intermediários interessados.

Quando de um dos primeiros tabelamentos baixados aqui em São Paulo, recorri a um alto funcionário da Secretaria da Agricultura, solicitando-lhe uma estatística de custo de cereais em geral. Qual não foi meu espanto ao responder-me êle que não existia na secretaria nenhum dado referente ao assunto. Indaguei-lhe, então, como poderiam os membros, das comissões de preços ajuizar sôbre um assunto cujas bases essenciais desconheciam? Nenhuma resposta satisfatória pude obter. Penso, que até hoje não possuem êles êsses dados indispensáveis. A prova está no custo de vida, progressivamente em alta: Para nós a única e viável solução está no sistema cooperativista com produção própria, orientada para a única finalidade: — o bem comum da família, do estado e da humanidade.

O COOPERATIVISMO E OS "UTOPISTAS"

Procurando uma justificativa, para a idéia que vimos explanando a respeito do cooperativismo, idéia que o mundo terá, mais cedo ou mais tarde, de adotar, como um início, de reforma social, recorremos á Enciclopédia e Dicionário Internacional onde fomos encontrar o seguinte: "Cooperativismo. Sistema dos que vêm na cooperação não só um meio de realizar certos aperfeiçoamentos (como o cooperativismo) mas todo um programa de renovação social".

“Os princípios fundamentais do cooperativismo (que é especialmente defendido por Gide, Sebatier, etc.) são os seguintes:

- 1º) tem por fim a emancipação econômica de certas categorias de pessoas para que possam passar sem intermediários;
- 2º) substituir a concorrência pela sôlida-
dade;
- 3º) não abolir a propriedade individual, mas generalizá-la e criar, ao lado e acima, da propriedade individual, uma propriedade coletiva;
- 4º) não suprimir o capital, mas tirar-lhe o seu papel dirigente na produção e ao mesmo tempo a parte que êle aufere, a título de poder dirigente, sobre a forma de lucro.

‘Nos últimos anos um certo número de coletivistas anarquistas preconizam e praticam cooperação de bens. Mas a cooperação é para eles apenas um estágio preparatório, enquanto que para os cooperativistas constitui um fim em si, isto é, uma instituição que contém em potência a sociedade futura a que se há de chegar por uma evolução contínua do organismo cooperativo’.

Como vemos, já é de tempo que os ‘utopistas’ vêm conclamando os povos para a união, fazendo-lhes ver a necessidade de uma reforma social que lhes possibilite uma vida independente da miséria e da exploração de um homem por seu igual rotulado, de proprietário, comerciante, intermediário ou banqueiro. E todos eles acham que o mecanismo social da atualidade é o unico certo, pois pagam licença ao Estado para assim procederem. Concordamos com isto, pois assim ,está organizada a atual sociedade republicano-democrática. Os dirigentes atuais possuem de fato a liberdade mas não possuem responsabilidade.

Os govêrnos constituídos deviam saber que todo cidadão tem direito adquirido, desde o nascimento, à alimentação, ao vestuário e à habitação e, isto, independentemente do lugar onde nasceu ou da “classe” social em que o colocaram — **rico ou mendigo**. Bem analisado, só existe esta “classe social” ,a dos mendigo — á única para quem falta a justiça e para quem o direito é um mito. Isto se dá porque os govêrnos atuais do mundo até hoje não se compenetraram da responsabilidade moral, considerada a moral como **equidade e justiça**. O cooperativismo estabelecerá essa moral no meio social.

Está bem definida a finalidade do cooperativismo nos quatro pontos defendidos por Gide e Sabatier. Te-

mos esperanças de que em futuro bem próximo, a humanidade viverá em harmonia e paz proporcionadas pelo sistema cooperativista com produção própria, quando, então, o ouro terá perdido a sua nefasta influência no meio social, onde tantas lágrimas e sangue fêz correr e ainda está fazendo. Tudo isto devido a péssima e desastrosa educação que recebem da ruinosa sociedade orientada pelos adoradores do Bezerro do Ouro. Será que os políticos de todos os tempos desconheciam que a vida, humana tem outra finalidade aqui no planeta? Política é arte de governar, mas até hoje só temos visto a política arrastando os povos para as guerras fratricidas. No final, vencedores e vencidos, só recebem, como galardão, a miséria — miséria que sempre acompanha todos aqueles que vivem do trabalho, que tudo produzem, inclusive os armamentos e munições que vão sacrificar a si mesmos. Aquêles a quem os povos elegeram para administrar os bens públicos, dando a todos o que necessitam, apenas exploram a maioria em seus próprios benefícios. Mesmo assim, os mais beneficiados são sempre os que manejam a panela política. O cooperativismo tem em si mesmo o poder de reforma social, sem o entrechoque de classes, pois está provado, através da História, que a violência nunca trouxe a paz. O que o raciocínio, a lógica e a coerência não resolver, a força jamais resolverá. E' preciso conhecer, o homem bem de perto e saber aproveitar e aplicar a sua cooperação em benefício dele mesmo. Esse o caminho a percorrer. Quando tivermos homens que façam uso do cérebro e do raciocínio para sentirem em si mesmos as necessidades de seus iguais e semelhantes, reconhecendo que todos têm o direito de gosar e usufruir de tudo que a Natureza produz com a cooperação humana, a felicidade, a paz e a harmonia, jamais deixarão a face do planeta. O cooperativismo estabelecerá êsse bem no mundo.

O COOPERATIVISMO, A PRODUÇÃO E A CONTABILIDADE

Não poderíamos encerrar os conceitos que vinhamos espendendo sôbre o cooperativismo sem apresentarmos uma exposição de como se taxar os preços das utilidades de que necessitamos e que passam pelos armazens distribuidores das cooperativas. Para se ter uma idéia mais compreensível transcrevo a seguir, o pensamento de Gide e Sabatier a respeito e já mencionado em outro artigos:

- 1) — **O cooperativismo tem por fim a emancipação econômica de certas categorias de pessoas para que possam passar sem intermediários.**
- 2) — **Substituir a concorrência pela solidariedade.**
- 3) — **Não abolir a propriedade individual mas generalizá-la e criar, ao lado e acima da propriedade individual, uma propriedade coletiva**
- 4) — **Não suprimir o capital, mas tirar o seu papel dirigente, na produção e ao mesmo tempo a parte que êle aufere, a título de poder dirigente, sôbre a forma de lucro.**

Como vemos, para darmos realidade a êsses 4 pontos precisamos dar outra orientação aos sistemas atuais, tem por base sómente o valôr “trabalho” e sua produção. As-

sim sendo, para se dar um início á reforma social, temos que começar a lançar na conta de lucros e perdas tudo o que for adquirido pela organização cooperativista, como sejam: terras, veículos, ferramentas, enxadas, pás, tratores, maquinários e tudo aquilo que para ser movimentado, tenha necessidade do, fator **“HOMEM”**.

Uma vez pagos êsses objetos, não deverão figurar mais como um valôr ativo, pesando na produção. Nessas condições estabilizariamos o custo da produção o qual tenderia sempre a ficar mais barato, de conformidade com o progresso que vai tendo a mecânica agrícola. Para apurarmos o preço da produção temos que lotear as terras por um determinado número de metros quadrados. Os lotes seriam numerados e conforme o emprêgo que fizermos de determinada cultura vamos descrevendo os valores.

Lote n.º 1: o preparo da terra, o número de indivíduos empregados, a mão de obra, a quantidade de óleo consumido pelo trator, enfim tudo o que for consumido para preparar o lote á sementeira. Em seguida o número de sementes espalhadas e o que for usado para a sua germinação. Após, a carpa ou colheita e o ensacamento. Teremos assim em nossas mãos o custo real da produção do lote n.º 1. Sôbre êsse custo acrescentaremos o transporte e uma pequena porcentagem para as quebras e para a administração.

Por êsse processo, uma vez que temos o custo da produção agrícola, teremos os preços das outras utilidades.

Saberíamos, então, o custo da engorda de um suino, o preço de um frango ou de um litro de leite. Nas mesmas condições estariam os artigos manufaturados. Sabendo-se o custo exato de uma arroba de algodão podemos saber o custo do metro de tecido e assim por diante.

É de grande necessidade que os componentes de

uma cooperativa saibam e tenham em mente que só a união e cooperação tem força para toda e qualquer realização. Sabendo que eles e suas famílias terão garantida a sua manutenção, devem sempre cooperar para a melhoria em benefício de todos e de uma sociedade verdadeiramente humana e cônica de sua existência. Todos terão compreensão certa da igualdade de direitos e deveres e tudo farão para que as utilidades sejam distribuídas de acordo com as necessidades individuais ou coletivas. As cooperativas atuais tem seguido o sistema de fazer retornar o excedente apurado em balanço. Isto é um erro e ao mesmo tempo um prejuízo para os associados, pois esse excedente, sendo o produto da cooperação, deve ser empregado sempre em utilidades para os cooperados, sendo que em primeiro lugar está a aquisição de terras de produção. Gradativamente os associados se libertariam dos intermediários melhorando ao mesmo tempo a produção dos artigos de primeira necessidade a começar pelo leite e seus derivados. Com o sistema atual é impossível conseguir-se, artigos que não sejam deteriorados ou viciados por comerciantes inescrupulosos que deveriam ser taxados de assassinos.

Para uma melhor visão do que será uma cooperativa com produção própria, recorri a um técnico em agricultura e que é ao mesmo tempo o responsável pela carteira agrícola do Banco do Estado de São Paulo o qual muito tem feito em prol da mecanização da lavoura. É ele o Sr. Dr. José de Queiroz Teles.

São os seguintes os dados fornecidos pelo referido técnico:

- 1) — o alqueire paulista corresponde a 24.200 metros quadrados.
- 2) — um trator de 15 HP prepara um alqueire de terra em um dia de servi-

ço, deixando-o arado e gradeado. gastando para isso 60 litros de gasolina ou 24 a 25 litros se for usado o óleo cru e mais 3 litros de lubrificante por dia.

3) — um alqueire de terra comporta as seguintes sementes:

algodão	30 quilos
arroz	40 "
milho	35 "
feijão	50 "

CARPAS e seu custo por alqueire: (ou colheita).

Algodão	3 carpas á Cr\$ 600,00 cada — total Cr\$ 800,00
arroz	2 carpas á Cr\$ 800,00 cada — total Cr\$ 1. 600,00
milho	2 carpas á Cr\$ 400,00 cada — total Cr\$ 800,00
feijão	2 carpas á Cr\$ 500,00 cada — total Cr\$ 1.000,00

PRODUÇÃO por alqueire:

algodão	90 arrobas:
arroz	75 sacas em casca
milho	80 sacas em casca, limpo.
feijão	30 sacas, limpo.

COLHEITA — despesa por arroba e saca:

algodão	colheita em rama; por 1 arroba — Cr\$. 12,00
arroz	colher, bater e ensacar, por sacco — Cr\$ 25,00
milho	colhêr e amontoar na roça; por sacco — Cr\$ 18,00
milho	colhêr é amontoar na roça; por sacco — Cr\$ 18,00
feijão	colhêr bater e ensacar; por sacco — Cr\$ 50,00

Êsses são os dados que obtive do Sr. Dr. José de Queiroz Teles e dado a sua competência nesse assunto, pode-se dizer que si êrro houver, será de centavos ou mínimos cruzeiros. Com, a demonstração acima, qualquer um com pouco conhecimento das quatro operações, poderá conhecer os preços dos mencionados produtos. Verá quanto custam na fonte de produção e quanto por intermédio dos

comerciantes e de outros intermediários. Só poderemos ter uma melhoria em nossa existência ao organizarmos as cooperativas de produção própria. Para uma melhor compreensão vamos procurar saber o custo do feijão, por saca. Naturalmente poderá haver alguma falha, mas esse preço nunca chegará ao que pagamos nos empórios, pois a maioria da população não pode comprar por atacado. Vejamos:

Preparo e produção por alqueire de terra ou sejam 24.200 m2:

2 homens para movimentarem		
o trator	Cr\$	200,00
25 litros de óleo bruto à Cr\$1,05 o		
litro	Cr\$	26,25
3 litros de lubrificante á Cr\$ 10,80 o		
litro..	Cr\$	32,40
1/2 quilo de estôpa	Cr\$	3,90
50 quilos de feijão roxinho à Cr\$ 4,30		
o quilo	Cr\$	215,00
semeadura	Cr\$	500,00
2carpas	Cr\$	1.000,00
colhêr e ensacar	Cr\$	1.500,00
30 sacos vasio\$ à Cr\$ 6,00 o saco	Cr\$	180,00
		<hr/>
Total	Cr\$	3.657,55
10%(dez por cento) administração na		
fazenda	Cr\$	365,75
		<hr/>
Total	Cr\$	4.023,30
Acrescente-se: transporte da fazenda para o armazem cooperativista;		
Cr\$ 15,00 por saca	Cr\$	450,00
		<hr/>
	Cr\$	4.473,30

10% despesas de distribuição pelo ar-	
mazem cooperativista	130
447,33	

Total	Cr\$	<u>4.920,63</u>
-------	------	-----------------

Ai está reunida tôda a despesa e custo de produção de 30 sacas de feijão, sendo que o custo de uma saca de 60 quilos é de Cr\$ 164.00. O associado da cooperativa retirará o feijão pelo custo de Cr\$ 2.73 o quilo. Mesmo acrescentando-se outras despesas que possam ter-nos passado despercebidas, êsse preço nunca atingirá aos Cr\$ 5,00 a Cr\$ 6,50 que são cobrados atualmente pelos empórios e vendas dos bairros.

Em, 7 de Novembro de 1948 o "Estado de São Paulo" publicou uma lista, de preços de venda do atacadista F. Monteiro e Cia Limitada, na qual, na parte dos cereais, vê-se o feijão roxinho cotado a Cr\$ 260,00 a saca de 60 quilos.

Assim se poderá saber o preço de tôdas as utilidades e gêneros de primeira necessidade. Nem computando-se os juros do capital empregado chegam êsses artigos às mãos do consumidor, pelos preços extorsivos hoje cobrados. Os intermediários sem nada produzirem são os que aproveitam. Se dêsse modo conseguirmos a redução do custo, os nossos vencimentos não precisarão ser constantemente reajustados. Além disso estaremos garantidos em nossa velhice, sem necessidade de recorrermos à caridade publica ou ficarmos pesando nas costas de um amigo ou parente até o dia de entregarmos o corpo á terra **para o seu descanso!**

Pelo exposto, as cooperativas tendo uma administração honesta, podem tomar um empréstimo, acrescentando sôbre a produção os juros e mais um ágio para amortizar-

ção do capital. Em pouco tempo estará saldado o compromisso. A produção terá o seu custo tendendo para baixa, pois a mão de obra tornar-se-á mais reduzida. Um ponto essencial é o trato do trabalhador nas fazendas. A eles nada deverá faltar: a boa casa de moradia e todo o conforto possível, pois eles serão incluídos como sócios da cooperativa. Não podemos mais continuar tratando os homens da roça como inferiores aos operários da cidade. Futuramente os homens formados nos colégios cooperativistas, serão mais cômnicos de seus deveres e mais amorosos ao trabalho porque terão consciência da própria existência. Saberão que não devem explorar o seu igual e semelhante. Assim e gradativamente a, sociedade se transformará, tendo por base o trabalho coletivo, principalmente na agricultura, fonte da vida animal e esteio da vida moral (equidade e justiça).

Finalizamos aqui, esta exposição e esperamos que a mesma tenha contribuído um tanto para o bem da família humana. Cremos que enquanto o homem não tiver uma educação que lhe permita conhecer a si mesmo e conhecer o seu semelhante como um seu igual, não poderemos viver em paz. O sistema cooperativista com produção própria irá realizar êsse desejo de todos os homens: a **PAZ**.



O COOPERATIVISMO E AS ESTRADAS DE FERRO

I

A Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e a precária situação dos seus empregados.

Interessou-nos o relatório apresentado pelo Departamento de Estudos Econômicos da Companhia Mogiana e pelo presidente do Sindicato dos Ferroviários da mesma estrada, publicado no Diário Oficial de 1.º-4-1949.

Pela leitura do relatório e gráfico publicados vê-se quanto sofrem os trabalhadores dessa ferrovia antes em franca prosperidade e agora sob o regime de deficits. Verdadeiramente de quem é a culpa? E' de todos, da administração e dos funcionários.

Não temos certeza mas é provavel que os funcionarios da Mogiana possuam seus clubes atléticos, sociedades recreativas, cooperativas, serviços médicos, odontológicos e farmacêuticos e finalizando, o inútil **sindicato**. Durante tôda a existência da Estrada, onde labutam cêrca de 15 mil operários e funcionários, nenhum teve a idéia de pensar que a eliminação da miséria só é possível volvendo-se a vista para a "Terra", pois é dela que dependemos; é ela que nos fornece tôdas as utilidades indispensáveis. Com um mínimo esforço, durante um ano todos os ferroviários teriam garantido o pão quotidiano. Dizemos um ano para início das primeiras terras dê produção. Quinze mil empregados, com a mensalidade de Cr\$10,00 dariam em

úm mês Cr\$ 150.000,00 e em um ano Cr\$ 1.8000.000,00 ou sejam, na denominação antiga, mil e oitocentos contos de reis, despresados os júros. Essa quantia teria dado, anos atraz, para a aquisição de uma grande fazenda e ainda sobraria uma verba para industrializá-la. Hoje estariam todos confortavelmente abrigados e bem alimentados. A própria Estrada estaria próspera pois os salários poderiam se estabilizar ao nível de vinte anos atraz. A produção da fazenda estaria dando aos funcionarios não só o alimento primordial como também tecidos, latarias e outras utilidades. Com o sistema cooperativista de produção própria as estradas de rodagem não fariam concorrência ás estradas de ferro pois a mão de obra não teria o seu custo aumentado.

Por sua vez os acionistas e dirigentes da estrada teriam suas rendas asseguradas pois os próprios funcionarios fariam render mais o seu trabalho. A boa e farta alimentação influiria bastante para isso, pois o operário mal alimentado e além disso, preocupado com o futuro, não pode produzir o máximo de que é capaz. Enquanto os diretores de companhias, emprêsas e sociedades não cuidarem, com mais interesse, da matéria prima — **o homem**, a sociedade não progredirá no sentido moral ou espiritual, base para a harmonia e a paz.

Para que a produção não se torne onerada temos que organizar cooperativas mixtas, fazendo a distribuição de acôrdo com as necessidades dos indivíduos e das famílias. Por êsse meio fica assegurada a paz mundial. Quando houvesse excesso de determinados produtos, seriam diminuidas as horas de trabalho para que nenhum operário ficasse inativo. Não seria como hoje que não há excesso mas criminosa retenção de produtos, com o intuito exclusivo de manter-se o estado de miséria. Age assim a cha-

mada classe social “**Elite**” mantenedora do simúlacro de sociedade a que dá o nome de cristã mas que verdadeiramente é uma organização dos piores bandidos, reunidos sob as bandeiras da monarquia, república e outros rótulos políticos. Enquanto meia dúzia de indivíduos audaciosos aumentam assim, as suas fortunas, sob a capa do Estado, a maioria do povo vegeta e morre de fome. Quando êsse povo fica saturado aparecem as inúteis revoluções que só lhe proporciona o dissabor de ver outro despóta guindado ao poder. Tôda essa anomalia parte da nossa preguiça mental, pois um ínfimo esfôço do pensamento resolve e harmonisa tudo, de acôrdo com as nossas aspirações. Voltando á situação da Mogiana, ainda é tempo de remediar-se o mal existente. Se os acionistas dessa Estrada desejarem receber todo o seu capital empatado e mais os juros, devem organizar imediatamente a cooperativa de consumo e produção de seus auxiliares, nos moldes, por nós, propostos. Dentro de dois anos terão possibilidades de promoverem um reajustamento de salários, não aumentando-os mas diminuindo-os, pois o custo de vida dos operários será reduzido de mais de 50%. Em pouco tempo voltaria novamente a prosperidade á Estrada e os seus funcionários não mais se preocupariam com o futuro e a velhice. Nas terras ou fazendas da cooperativa teriam êles escolas para seus filhos e casas para os velhos pensionados, pois ao chegarmos a uma idade avançada apenas ne necessitamos de confôrto, repouso e do indispensável para a espera do momento de deixarmos o nosso corpo integrar-se na terra a cujo seio todos vamos ter.

II

A cooperativa dos empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

Por uma gentileza da digna diretoria da Sociedade Cooperativa dos Empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, veio ter ás nossas mãos o relatório das atividades da mesma, em 1948. Tratando-se de um assunto que tem relação com o que estamos divulgando sob um novo prisma, mais eficiente, resolvemos comentar um tópico do mesmo. O movimento de vendas dessa cooperativa, durante os últimos dez anos, atingiu uma quantia, em cruzeiros, bastante elevada. Transcrevemos, a seguir, as importâncias das vendas e ao mesmo tempo as verbas destinadas ao retôrno. Pela leitura das mesmas podemos avaliar o valor da cooperação. Se a Sociedade tivesse, acumulado somente as parcelas, destinadas ao retôrno, correspondentes aos seus 50 anos de existência, hoje a própria estrada pertenceria aos seus funcionários. Se desde o início tivessem volvido as atividades para as fontes de produção, o custo de vida para os cooperados não teria alcançado á nível atual.

ANOS	VENDAS Cr\$	RETORNO Cr\$
1938	10.112.133,00	701.143,40
1939	10.607.179,60	734.673,10
1940	11.591.812,30	802.005,50
1941	13.463.390,10	927.550,50
1942	14.380.106,40	989.605,90
1943	16.880.544,40	1.153.147,80
1944	22.415.830,30	1.529.459,50
1945	26.931.819,00	1.862.586,40
1946	36.200.889,90	2.503.525,20
1947	46.631.704,50	3.219.784,30
	<hr/> 209.215.409,50	<hr/> 14.423.481,60

Como vemos, o movimento durante os últimos anos é fantástico. Observando bem, com os olhos da razão, podemos notar entre 1938 e 1947 a diferença de custo de vida, pois nesses 10 anos o número dos cooperados não poderia triplicar. Não possuímos dados sôbre o movimento de sócios. Seria interessante confrontar-se com êsse dado para podermos concluir quanto o sócio gastava em 1938 e em 1947. Se essa cooperativa, desde a sua fundação, tivesse organizado as suas fontes de produção, ou sejam as fazendas agro-industriais, hoje seria uma organização privilegiada. Todos os seus associados possuiriam o indispensável conforto e alimento.

Por um relatório ficamos conhecendo uma organização cooperativista existente em Barcelona na Espanha a qual, após 25 anos de existência possuía uma granja ou fazenda como mencionamos aqui, com 10 armazens distribuidores. Cada armazem possui uma biblioteca e sala para café. Os sócios que a fundaram são hoje pensionistas sendo de notar que êles iniciaram a cooperativa com o total de 400 pesetas que correspondiam na época a 400 mil réis de nossa moeda.

Como estudioso, de assuntos sociais aqui lançamos um apêlo aos diretores e sócios da Sociedade Cooperativa dos Empregados da Comp. Paulista de Estradas de Ferro, para que volvam seus olhares para um futuro mais próspero, adquirindo terras próprias, á produção agrícola, nas quais se organizariam as fazendas agro-industriais. Todos seriam beneficiados e o exemplo se refletiria cá fora. Outras sociedades seguiriam o exemplo e em pouco tempo o Estado estaria baseado nessa organização racional e eficiente.

A cooperação e o fator da reforma social. A coopera-

ção é atingida pela ação inteligente, em benefício comum, sem os entrecosques de forças desorientadas que produzem as guerras e a tremenda crise mundial que a todos envolve, a todos enerva e descontrola. Os homens gritam e protestam e não se compreendem. Até parece que estão construindo a lendária torre de Babel.

A cooperação inteligentemente organizada trará a concórdia para o meio social e implantará a paz em todos os lares.



O COOPERATIVISMO E O UNIVERSALISMO

A Terra, o Mar, o Ar e a Água são bens comuns. A divisão do planeta em pátrias e estas em propriedades individuais é a origem de tôdas as contendas humanas. Para resolve-las nada adiantarão as reuniões de diplomatas e ministros plenipotenciários pois que êles não se baseia na liberação da terra. As fronteiras que separam as pátrias sepa-os homens uns dos outros. As propriedades individuais são também minúsculas pátrias com suas fronteiras constantemente cruzadas pelos vizinhos e periodicamente originando, discórdias, ódios, crimes monstruosos

Para resolvermos o problema da Paz necessitamos estabelecer os princípios básicos da justiça, dando ao homem, desde o seu nascimento, tudo o que é indispensável, sem olharmos as diferenças de raças ou de cores. Só o cooperativismo, com produção própria poderá estabelecer a igualdade na distribuição das utilidades. Só o cooperativismo, com produção própria propiciara a nossa caminhada, com passos firmes, para o universalismo.

A paz do mundo não depende de discursos bombásticos, de pompas exteriores e de palácios maravilhosos onde se reúnem os devassos políticos do mundo, desconhecedores das mais prementes necessidades do povo. São homens que nunca souberam quanto custa ganhar o pão com o suor do rosto e os calos das mãos, essa a verdade incontestável. O cooperativismo com produção própria porá uma barreira aos “tubarões” rotulados de financis-

tas e quejandos que nada mais fazem que divagações literárias.

Citemos fatos passados para comparação com o presente. Cêrca de cinquenta anos atrás, publicou o Almanaque de Piracicaba do ano 1900 uma lista de preço de gêneros de primeira necessidade, vendidos na cidade. Um alqueire de milho ou sejam 40 litros 800 réis; farinha de milho idem 1\$280; feijão, idem 1\$000. E não se passou um século. Eram os preços que os nossos avós pagavam pelos artigos que necessitavam. Dirão os entendidos em finanças que houve progresso. Sim, diremos nós, houve um progresso de miséria, um progresso de ladroeira, um progresso de deshonra; um progresso de falta de honestidade comercial. Não houve, porém, um progresso para uma vida mais humana; um progresso para eliminação da necessidade de recorrer-se á caridade pública; um progresso para o direito igual de todos ao “trabalho” e ao aproveitamento equitativo do seu fruto. Êsse sim teria sido o princípio para um progredir ilimitado.

Não podemos admitir um progresso quando os povos vivem em lutas contínuas; não podemos aceitar um progresso onde as moléstias terríveis, como a tuberculose, acham campo propício para sua disseminação. O povo vive subnutrido, não pela falta de alimentos mas pela má orientação governamental que permite a meia dúzia de indivíduos acumular ou açambarcar a produção em prejuizo da maioria da população. Essa anomalia só pode ser extinta com a criação das cooperativas de produção própria que eliminam, de uma vez para sempre, com os intermediários inescrupulosos que tanto mal têm feito a essa pobre humanidade, digna de melhor sorte. A propósito transcrevemos a seguir a notícia publicada n’A Folha da Manhã” de 8-5-1949, sob o título: “Quarta Conferência Americana de Trabalho”:

Projetos aprovados ontem por comissões do certame reunido em Montevideu

MONTEVIDÉU, 7 (A.F.P.) – Na sessão plenária efetuada ontem, á tarde, pela Quarta Conferência Americana de Trabalho, aprovou-se projeto de resolução da Comissão de Condições de Vida e Trabalho das Populações, no qual se reafirma o princípio de igualdade de direitos, sem distinção de raças ou nacionalidades, salário igual e inclusão dos trabalhadores indígenas nos planos de educação e habilitação técnica.

A Comissão de Resoluções, por sua vez aprovou projeto em favor da liberdade sindical no continente, declarando que a prisão e as perseguições de líderes sindicais ferem a democracia e a dignidade do homem, sendo repulsivos á consciência do mundo.

A resolução convida o "Bureau" Internacional do Trabalho a investigar rigorosa e imparcialmente tôdas as denúncias de violações dos direitos sindicais nos países do continente.

Como se pode estabelecer a "igualdade de direitos" permanecendo o comércio como intermediário entre a produção e o consumo? E ainda mais o incontável número de outros tantos exploradores – agentes comerciais, bolsas de mercadorias, casas de câmbio etc? E' impossível! Já na revolução francesa foram estabelecidos os direitos do homem". Entretanto até hoje estamos vendo a miséria como prêmio ao homem que trabalha e produz. Enquanto não abolirmos os inúteis intermediários entre a produção e o consumo jamais poderemos estabelecer a "igualdade" necessária para o bem estar de tôda a humanidade. Essa igualdade é possível com o sistema cooperativista, de produção própria que nos abrirá o caminho para o Universalismo, base da Paz Universal.

INICIATIVA DE COSCIÊNCIAS DE BAIROS

Só a cooperação trará o bem estar e a felicidade para os homens. Existe um arrabalde de São Paulo onde duas dezenas de moradores resolveram o problema do exgôto de suas moradias. Construíram uma rêde de exgoto levando-a para um riacho próximo. Assim, conseguiram rapidamente, com a cooperação, aquilo que o Estado talvez levasse dezenas de anos para dar-lhes. Dessa maneira deviam proceder os operários de todos os bairros da cidade, organizando os seus melhoramentos como sejam a água, o exgôto e a luz. Só assim poderão gosar dos benefícios que só a muito custo ser-lhes-ia dado pelo Estado. Até hoje os govêrnos só têm feito promessas e exgotado os bens públicos, em benefício de seus partidos e dos seus achegados. A prejudicada é sempre a maioria — a classe dos trabalhadores. Pelo sistema da cooperação, serão resolvidos todos os problemas. Citamos o caso do exgôto. Aquêlê grupo de pessoas teve o expediente de aproveitar o riacho como despêjo. Não achamos isso muito higiênico, principalmente por causa da pouca água do riacho o que, fatalmente produzirá acúmulo de detritos em suas margens. Seria mais aconselhavel a construção de uma fossa sética. Para êsse melhoramento, pouco mais de despesa teriam êsses cooperadores. Com êsse sistema poderiam os desprezados moradores dos bairros, resolverem o problema da água. Poderiam se reunir por exemplo, 100 famílias cooperando na perfuração de um poço

artesiano cujo custo se eleva a cem mil cruzeiros. Com a quota de mil cruzeiros cada uma teria o precioso liquido, de primeira qualidade e sem tóxicos. Em pouco tempo seria coberta essa despesa e a água obtida estaria livre da contaminação pelas fossas usuais, coisa muito comum nesses bairros. Porque haveremos de esperar que o Estado venha fazer e cobrar um péssimo fornecimento e pelo elevado custo atual? Hoje a água é cobrada como se fôra um medicamento. Até parece que o Estado quer, a tôda a fôrça, que o povo resolva por si mesmo aquilo que estava e está em sua alçada. Só o sistema cooperativista poderá resolver o problema social, dando um aspecto humano á sociedade em que vivemos. Nada devemos esperar de programas de govêrnos constituídos por devassos políticos que têm nos explorado e deixado em extrema miséria, sem habitação, alimentação e higiêne. O mais grave é que até dificultam a instrução para os nossos filhos o que se verifica, principalmente, nos bairros operários. Notadamente no Brasil, o operario tudo tem dado para o seu engrandecimento mas os dirigentes que tem tido, fazendo uso da razão e da consciência, são pouquissimos. A maioria prejudica a nação e nada faz em seu próprio benefício; sim, em seu próprio benefício, pois um povo vivendo farto, não cogitará de revoluções e mashorcas que como o que se deu na França e na Rússia, vítimas da mesma causa — a miséria, só dão como resultado a decepação de milhares de cabeças, escolhidas principalmente entre os dirigentes e exploradores impiedosos. É bem Sabemos que a violência não resolve os problemas sociais. A prova nos é dada pela própria História.

O “santo remédio” para tôda essa inconsciência encontra-se na terra e no que ela produz. Sendo a produção distribuida equitativamente a paz reinaria entre os homens quer em familia, estado ou nações. Só o cooperati-

vismo com produção própria traria êsse tão almejado sossego. Para mostrar a viabilidade do cooperativismo, produtor-consumidor, pomo-nos á disposição de qualquer entidade cooperativista que tenha o desejo de por em prática tão grandioso e nobre empreendimento. Teremos imenso prazer nessa colaboração.

Se as estradas de ferro quiserem equilibrar as suas rendas com as despesas êsse será o único caminho a seguir, pois a cooperativa com produção própria traria o bem a todos os ferroviários proporcionando-lhes um salário bem menor que o atual, mas com poder aquisitivo dez vezes maior. Não é possível que uma estrada de ferro se mantenha com deficits constantes em seus balanços. Se assim sucede é porque existe uma causa. Essa causa é a legião incontável de intermediários entre o produtor e o consumidor. O cooperativismo racional eliminará êsse grande mal social. Em relação ao funcionalismo público, poderá êle, com o cooperativismo, ser reduzido a menos de 50% do atual.

Assim caminharemos para verdadeira finalidade de nossa existência, na eterna colaboração para a paz entre os homens as familias as nações, o mundo

Tendo exposto o nosso modo de pensar sôbre o cooperativismo, esperamos, que êle possa contribuir para a próxima implantação, em todos os países, das cooperativas de produção e consumo. O novo sistema em pleno funcionamento beneficiará de fato; a coletividade humana, hoje tão mal orientada. Até parece que os homens ainda não sabem para que possuem o cérebro. Vivem, de léo em léo, a procura da felicidade, mas seus atos são de tão grande incompreensão que devemos ter piedade, compaixão, dêsses inconscientes. Não é possível que o ser

humano possa continuar no estado de extrema miséria, quando a fortuna do mundo é produto do trabalho. Todo esforço humano é orientado atualmente para os atos degradantes que produzem as guerras. Os govêrnos constituídos só cuidam dos armamentos de seus exércitos e deixam os cidadãos, cuja maioria é de trabalhadores e operários, para segundo plano. Pelas notícias dos jornais sabemos que nos Estados Unidos existem agora três milhões de homens sem trabalho; diversos milhões percebem salários que não dão para o seu sustento. Entretanto êsse país quer fornecer armamentos para todos os povos americanos e, inclusive, para grande parte da Europa. Qual o interesse que êles têm nisso? – a **guerra!!!**

A imprensa, que devia ser a educadora máxima do povo e divulgadora de todos os conhecimentos tendentes a beneficiá-lo, em seus artigos, só difunde o ódio contra as ideologias contrárias á dominante no local.

Cada povo tem direito de viver como quer e como pode. A imprensa não devia imiscuir-se em críticas que não nos interessam.

Assim, vamos marchando aceleradamente para as catástrofes mundiais.



SÍNTESE

O nosso trabalho aí está, enfeixado nesses capítulos. Diz o adágio que “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”. De acôrdo com êle achamos que é necessário bater-se sempre numa mesma tecla para que o homem grave-a em sua consciência e analisando-a com raciocínio, possa difundí-la e praticá-la. Daí a síntese do que foi escrito; repisar o modo mais, facil de dar ao homem a felicidade na família, na sociedade e no mundo.

O Cooperativismo é o precursor e a base fundamental da reforma social porque com êle será eliminado um dos maiores males que acometem os homens: a ociosidade. A verdadeira cooperação não permite que um indivíduo torne-se pesado a seus iguais. O exemplo do trabalho coletivo corrigirá êsse defeito até hoje mantido no meio social. Essa reforma se processará paulatinamente até o completo domínio cooperativista.

Constantemente ouve-se falar em inflação e congelamento sendo que ao certo êsses têrmos não passam de máscaras usadas pelos, exploradores, bancários-comerciais, com o fito de se desculparem ante o povo em face do contínuo aumento do custo de vida. A prova temos nos Estados Unidos, o país que mais ouro possui mas onde também o custo de vida, é considerável. Vemos que êsse país vive procurando escravisar os menores á sua influência econômica, acenando-lhe com o ouro — produto da exploração da miséria e da guerra. — Entretanto, os operários americanos estão vendo se conseguem.

por meio de greves, uma melhoria de seus salários —fome. — De que serve-lhes o ouro amontoado que o seu próprio país exporta como empréstimo aos governos incapazes? O remédio salutar para essa anormalidade é o Cooperativismo com produção própria.

Com a eliminação dos intermediários e dos defraudadores dos gêneros de primeira necessidade o Cooperativismo com produção própria estará concorrendo para o decréscimo da mortalidade infantil, pois, a partir do alimento básico que é o leite, as crianças terão tudo que é preciso para a sua perfeita nutrição. Hoje os hospitais vivem repletos de doentes atacados pela peste branca e outros males produzidos pela miséria orgânica. Os alimentos ingeridos, são verdadeiramente venenos e tóxicos nocivos agindo lenta mas progressivamente. Os intermediários defraudadores não possuem noção alguma de humanidade e desconhecem a igualdade. O Cooperativismo eliminará para sempre os inescrupulosos.

Com o fito de regular os preços e de obrigar os manipuladores do alimento público a agirem com honestidade é que são criadas as comissões de preços e os chamados “comandos da alimentação”. Como podem essas comissões regular os preços tendo por base de suas resoluções as informações dadas pelos interessados na exploração comercial? Como evitar-se, no regime atual, que os fabricantes adulterem tudo que represente utilidade alimentar? Seja qual fôr o regime, se o homem não fôr educado e conhecer a responsabilidade que tem para consigo mesmo, respeitando a vida de seus semelhantes, nada conseguirá, pois a base das organizações atuais está assentada na miséria. O Cooperativismo dará aso para que tudo seja selecionado pois não é admissível que os sócios de uma empresa ou organização se prejudiquem

mutuamente o que viria pôr abaixo o edifício de bens que se colima possuir.

Com o sistema cooperativista em ação no meio social, desaparecerá a necessidade de manutenção desse suposto bom sentimento: — a caridade. Bem encarada, essa virtude é mera válvula de escapamento para os gazes deletérios da exploração sobre qualquer aspecto.

No terreno político vemos a inutilidade, para as nações, dos organismos ditos internacionais, criados supostamente para beneficiá-las e que não passam de repartições burocráticas que só servem para onerar os governos com pesadas verbas, sem nada de prático produzirem. Assim foi a "Liga das Nações" assim é hoje a ONU.

Com o sistema cooperativista o trabalho será racionalizado e a distribuição dos produtos feita com equidade e justiça, de acordo com as necessidades. No sistema atual, onde o capital é a base da sociedade, a miséria é regra geral.

O domínio do ouro sobre a produção deve desaparecer e isso só se consegue com o Cooperativismo que invertendo os valores, baseará a sociedade no "**trabalho**". Não se pode admitir que o efeito sobreponha-se á causa pois é do trabalho que resulta o capital. O trabalho é na verdade o único valôr.

A Educação será a base do sistema cooperativista. O homem de amanhã deverá saber que tem um dever a cumprir e que deve trabalhar ao menos para o seu próprio sustento. Só a educação perfeita dará esse resultado.

No regime cooperativista será efetivado o pensamento do grande poeta Gomes Local — "Todo homem deve ter noções de agricultura, ainda que se destine a outro mister, todo homem deve estar apto, até aos

cinquenta anos, a saber defender a terra e a saber lavrá-la; a ser soldado e a ser lavrador".

Dando exemplo ao mundo da possibilidade de implantar o regime cooperativista, a Inglaterra possivelmente será a pioneira na realização de um governo humano. Todo aquele que sai fora do senso comum é considerado um sonhador, um idealista, um utopista. Entretanto perguntamos, será que a finalidade da vida do homem no planeta é concorrer para as guerras, fome e misérias? Não desejamos que qualquer um dos leitores concorde com essa suposição. Daí a grande esperança dos cooperativistas de que o pensamento dos "utopistas" torne-se uma realidade pois ninguém há de desejar que o meio social permaneça como sendo um aglomerado de feras indomáveis da pior espécie, entredevorando-se mutuamente.

O sistema cooperativista resolverá plenamente a questão social, hoje dificultada pela infinidade de departamentos, sindicatos e outras inutilidades que só servem para dar ao trabalhador, em sua velhice, a possibilidade de ser contemplado pela "**caridade**".

SEGUNDA

PARTE

UMA CIDADE JARDIM

Estampada n' A Classe Operária, do Rio de Janeiro, de 8 de janeiro de 1940 acha-se a seguinte notícia:

UMA CIDADE-JARDIM — Cidade-fábrica, cidade-jardim. Os operários da usina de construções mecânicas do Ural. "Uralmatch", na região de Sverdlovck, não previam êles próprios a amplitude do movimento que devia suscitar sua iniciativa de criar um pomar coletivo.

O apêlo do Comitê da Usina provocou centenas de cartas de operários, engenheiros e empregados oferecendo suas horas vagas. Um ano depois, "Uralmatch" contava com 5 pomares coletivos. Mais de 50 mil árvores tinham sido plantadas.

Hoje 3.000 pessoas trabalham em 13 jardins da usina que se estendem sobre cerca de 33 hectares, com 8.854 macieiras e pereiras, 105 mil amoreiras, mais de 8.000 cerejeiras e ameixeiras, etc.

Segundo êste exemplo, as outras empresas de Sverdiovsk criaram também seus jardins, que se estendem alualmente por mais de 300 hectares.

Cada participante contribui com 10 rublos.

e um deposito cujo total, determinado pela assembléia geral, se eleva em média de 150 a 200 rublos, e serve para adquirir plantas, material, etc.

Reproduzimo-la para que os leitores vejam o que é cooperação sã, consciente, verdadeira, possibilitando a implantação da Paz no mundo. Não nos importa a ideologia do povo professada nesta ou naquela região do planeta. O nosso fito é mostrar o exemplo para a construção e organização de uma nova sociedade humana, construída na base do cooperativismo, de consumo e produção própria. Este será o meio pelo qual o homem não mais morrerá de fome ou se suicidará por extrema miséria como estatística do ano de 1934 em que a cifra dos mortos pela fome e suicídio atingiu a 3.600,000 sêres humanos, vítimas do nosso feroz egoísmo. E isto sómente em 50 dos maiores Estados do mundo. Contadas as vítimas do mundo todo êsse número seria dobrado.

Nós somos a causa e o efeito dêsses males sociais. Depende pois, de todos nós, a melhoria social. Principalmente os pensadores e os trabalhadores do mundo devem se unir, em cooperação sadia para o bem coletivo.

CONCEITOS DE UM BRASILEIRO VISIO- NÁRIO CLARIVIDENTE.

Os deveres e os direitos devem equilibrar-se.

O indivíduo vale pelos seus atos, pelas suas obras.

Só é grande quem eleva também o próximo.

Não se deve favorecer uns em prejuízo de outros.

Deve-se exigir apenas aquilo que se puder retribuir em equivalência.

Só é legítima a posse obtida honestamente pelo esforço próprio.

Só é rico quem tem cultura.

Pobreza é um êrro social.

O sagrado interêsse coletivo deve prevalecer sôbre o egoístico interêsse individual.

Todos são operários, quer operem com o
cérebro, quer com os músculos.
Existe apenas uma elite – a do Trabalho.

Todo trabalho deve ser útil, deve pos-
suir valor social.

Deve-se pensar, primeiro, no serviço;
depois no prêmio.

Tudo deve ser incandescido de beleza.
Para podermos fruir o bom e o belo de
algo, temos de dar, em retribu-
ção algo de bom e de belo.

Ego Braz.



AUXÍLIO ÀS CRIANÇAS ITALIANAS MUTILADAS.

RIO, 14 (“Estado”, pelo telefone) — O sr. Gino Busi, consul geral da Italia, concedeu hoje aos jornalistas uma entrevista, sobre os objetivos do vôo do “Angelo dei Bimbi” á America do Sul. Disse que o recente conflito mundial deu origem a uma categoria de vítimas inocentes, as crianças mutiladas. Estas são, na Itália, em número de quinze mil, das quais três mil necessitadas de urgente internamento em instituições adaptadas para a sua assistênc reeducação tanto pela gravidade de suas mutilações e também pelas condições economicas de suas famílias. Para tal fim, acrescentou, seriam necessarios recursos financeiros e a maxima rapidez de intervenção, porquanto cada ano que passa se torna, sempre mais difficil e muitas vezes inutil a obra de reeducação moral e física desses meninos abandonados. O Estado italiano, dadas a amplitude e urgência do problema, confia na colaboração da iniciativa particular que tem favorecido a fundação de algumas instituições. Essas instituições se encontram em serias dificuldades economicas. Em beneficio dessas infelizes crianças, 2 aviadores o conde Leonardo Bonzi e o jornalista Maner Lualdi, detentores do cam-

peonato mundial de distancia em aparelhos de turismo, decidiram tentar o vôo Milão-Buenos-Ayres, num minúsculo avião denominado "A gelo dei Bambi", com que pretendem, no percurso Dacar-Natal, superar os seus próprios recordes de vôo sem escala e assim chamar a atenção do mundo para o grave e penoso problema dos pequenos mutilados de guerra.

Com o objetivo de receber os aviadores e providenciar a almejada coleta de donativos, organizou-se nesta Capital uma comissão de que são presidentes o ministro da Aeronautica, brigadeiro Trompsowsek e o embaixador da Italia, sr. Mario Martini. Após sua chegada ao aeroporto "Santos Dumont", os aviadores serão apresentados ao publico carioca, ocasião em que voarão sobre a cidade cinquenta aparelhos, dos quais descerão paraquedistas, no Hipodromo Brasileiro.

O avião "Angelo dei Bimbi" será exposto ao publico, possivelmente no palco do edificio do Ministerio da Educação. Informa-se tambem, que os aviadores trarão consigo quinhentos envelopes autenticados com selos comemorativos desse vôo, os quais serão postos em leilão.

O avião italiano já chegou a Dacar e está aguardando condições metereologicas favoraveis para efetuar a travessia do Atlântico — informou finalmente o sr. Gino Busi.

Esta é a noticia publicada pelo "O Estado de São Paulo" quando chegou ao Brasil o avião Anjo das Crian-

ças, pilotado pelos aviadores italianos Bonzi e Lualdi.

E' preciso que as mães de todo o mundo raciocinem sobre o que aí se diz. Quinze mil crianças, mutiladas de guerra, das quais três mil estão necessitadas de urgente internamento em hospitais.

Mães! Olhem bem para êsse quadro de miséria que está passando ante os seus olhos. Sintam em suas consciências que são bem responsáveis por essa calamidade.

As mães brasileiras devem dar tudo que puderem para auxílio a êsses infelizes, vítimas da inconsciência humana. Já que não puderam ou não tiveram a coragem de evitar que seus filhos atravessassem a fronteira e fossem cooperar para essa calamidade que é a guerra, ao menos ajudem a minorar o sofrimento dessas inocentes vítimas de seus próprios filhos. Sim! os brasileiros também concorreram para essa infelicidade mundial. Êles têm uma parcela de responsabilidade nessa hecatombe mundial, originária da falsa educação que recebemos de nossos pais, da escola e da sociedade corrompida em que vivemos e que inconscientemente é por nós mantida. Hipocritamente denominam-na de sociedade "**humana e cristã**".

Êsses inocentes, ao tornarem-se adultos, terão o ódio; em seus pensamentos, para tôda a humanidade. Nada adiantarão as preces e pedidos pois se houvesse um deus nas alturas, não poderia êle permitir que seus filhos, seus semelhantes, se trucidassem mutuamente e depois, sôbre os cadáveres dê seus seus irmãos, vítimas da estupidez humana, oferecessem-lhe missas e Te-Deuns como agradecimento pela vitória alcançada. As preces só teriam valor se existissem amor, justiça e igualdade entre os seres humanos. Então sim ,a prece chegaria até ao deus homem, pois que para recebermos pensamentos de

amor precisamos agir com amor para com nosso semelhante.

Mais uma vez **Mães!** E' de vocês que depende a libertação do mundo de tantas misérias provenientes das guerras fratricidas. Gravem em seus corações o seguinte apêlo proferido pelo grande poeta e filósofo português Gomes Leal:

“No meio do dilúvio da corrupção geral, salvemos ao menos a Criança! Salvemos os nossos filhos! os filhos dos nossos filhos! os próprios filhos dos nossos inimigos!”



CONTRIBUIÇÃO DA MULHER PARA A PAZ UNIVERSAL

Gentilmente autorizado pela autora, Dra. Anita Carrijo reproduzimos nesse livro, a sua conferência e que se intitula "Contribuição da mulher para a Paz Universal"

Por nossa vez incluímos também, aqui, o nosso apêlo a todos os chefes de família e principalmente ás mães, pois como diz a autora, **deve começar do berço** a nova moral social. Se dermos ás crianças, homens de amanhã, uma educação baseada em princípios de humanidade, é bem possível que ao despertar de suas consciência elas reflitam e reconheçam que os militares não seguem para os campos de batalha em defesa da pátria e sim, em defesa dos mais baixos interesses políticos de meia dúzia de indivíduos que exploram o mundo e o tem deixado nesse estado de tremenda miséria. Não devemos incutir nos cerebros infantis o errôneo princípio de matar o seu semelhante em defesa da politicagem. Os supostos inimigos, além fronteira, também são vítimas dessa educação jacobina que tanto mal tem feito á pobre humanidade. Em ocasião de festas de fim de ano e aniversários natalícios, os pais e amigos oferecem ás crianças brinquedos imitando as armas fratricidas usadas nos campos de batalha. Que inconsciência!

Mães! Evitem manchar a alma de suas entranhas, a criança, com semelhante exemplo. E' preciso dar, ás crianças, os são princípios dos **Direitos e Deveres**, dando-lhes a conhecer "**A Pátria como uma grande Família**".

Assim como a ciência é universal, "**Os Sábios não têm pátria.são todos igualmente Irmãos**".

Para finalizar êsse nosso comentário incluímos a seguir a eterna verdade do imortal poeta Guerra Junqueiro:

**As almas das crianças são brancas como o lírio;
São pérolas de leite em urnas virginais.
Tudo quanto se fala e alí se escreve.
Cristaliza em seguida, e não se apaga mais.**

CONTRIBUIÇÃO DA MULHER PARA A PAZ UNIVERSAL

Das três fôrças que dominam o mundo, a espada, a pena e a palavra, abandonaremos a primeira que é símbolo da guerra, utilizando-nos das duas últimas, para com elas expor os conceitos de Paz Universal, baseada na criação de uma nova mentalidade.

Essa nova mentalidade deve começar do berço e para tanto é preciso que as mulheres, coadjuvadas pelos homens, colaborem todos, sem distinção de classe social, credo religioso ou raça, num movimento unísono, forte, tão grande como próprio mundo, vencendo séculos de tradições guerreiras que já não procedem.

Esta tese, dirigida de preferência ás mulheres pois lhes cabe o dever da educação da criança, não concebe fronteiras, nem ideologias, pois em todos os países do mundo a mulher será sempre mãe e sempre a companheira do homem.

Considerando a vida um conjunto de vontades que realizam cotidianamente a grande obra de socialização, a mulher não pode ficar afastada ou inativa diante dêsse movimento, por fazer parte integrante dêsse todo. Já é tempo de despertar em todas as mulheres o direito de defender a própria independência. Essa independência por sua vez, lhe descortinará novos horizontes, entre êles, o senso de responsabilidade individual.

Toda a mulher, sem distinção de classe social, precisa compreender que, se ela é a célula mater, a verdadeira divindade que reproduz o homem, deve ter e tem o direito de dirigir seu próprio destino e cooperar no destino do mundo. Sómente com essa cooperação de todos os seres humanos, poderemos construir a Paz Universal.

Já não é mais possível separar os sexos, nessa grande cruzada. Praticamente nunca o foi, mas infelizmente muita mulher há que não tem o alcance para compreender sua própria importância para essa realização. Fecharam-lhes por séculos as fronteiras do saber e os limiares da ciência.

Em pleno século XX, ainda há quem refute o direito de liberdade á mulher. Essa epopéia que vem lentamente se desenrolando não pode mais parar, como se não pode parar a marcha do tempo.

Atrazamos de séculos nossa civilização, plantados em tradições mortas, mais que mortas, tradições que são em-trave para o desenvolvimento dessa paz de espírito, dessa paz material que rege nesse pobre mundo.

Sómente com a convicção de seus **direitos e deveres**, pode a massa humana progredir.

A vontade de paz, faz com que nós, mulheres do trabalho, sejamos coesas em nossos princípios de “LIBERDADE E FRATERNIDADE”!

Sómente a liberdade de ação pode trazer progresso ao indivíduo, e essa liberdade de ação atinge a liberdade de escolher uma filosofia em sua vida.

O conceito filosófico da humanidade, varia, criando uma infinidade de doutrinas, sobresaindo dentre elas, para nós, o Espiritualismo e o Materialismo, encontrando fanaticos de ambos os lados.

Consideramos, no entanto, êsse ponto de vista de somenos, porque, o que interessa é a colaboração de todas

as doutrinas em benefício da Paz Universal e não será querendo defender teorias a ferro e fogo que chegaremos a uma conclusão prática. **A Liberdade de Ideologia**, já é um princípio de Paz.

O respeito mútuo está em primeiro lugar e sómente assim conseguiremos um meio t ermo de a o conjunta.

Não será pregando a guerra que construiremos a paz.

Não será destruindo que elevaremos o grande edifício moral dos povos.

Por toda a parte, no mundo inteiro, só se ouve o troar dos canhões e as ameaças de armas, secretas que demolir o tudo em poucas horas, que transformarão nossa civiliza o em mont es de ruínas, considerando êsses, senhores do mundo, que estão assim impondo a paz.

O pior   que tudo isso se faz em nome de Deus, que representado em Cristo, dizia repetindo as palavras de Moysés: “Quem com ferro fé, com ferro será ferido”.

Vamos para dois mil anos da era cristã e, que tem feito o homem até esta data?

DESTRUIDO! DESTRUIDO!

BASTA. J    tempo de tomar outra dire o o trabalho da Paz. Como podem falar em Paz, homens de todos os países que outra coisa não fazem que se armar?

As m es do mundo inteiro não querem a guerra!

No congresso realizado em Praga, discutiu-se com vigor essa tese:

“As m es do mundo inteiro não querem a guerra”.

Que vimos depois dêsse congresso? Nada, nada de positivo em favor da supressão da guerra. Nada tem sido estudado pelos homens que possa ser considerado um trabalho pr  Paz.

Porque não mudarmos de vez o dístico?

Supressão da guerra. Talvez soasse melhor ao ouvido e lembrasse com mais evidência o motivo das reuniões pró Paz.

Afinal, se para manter a Paz, só se cuida de guerra talvez se o motivo de reunião fôsse a supressão da guerra, se estudasse os problemas da Paz.

Verificamos a pouca influência na formação da mentalidade dos homens, transmitidas em séculos de civilização.

Consultando os grandes pensadores de todas as épocas, notamos a coincidência de sentimentos expressos quase nas mesmas palavras, por todos eles. Tolstói que escreveu “Guerra e Paz” há quase cem anos, pois é nascido em 1828, disse o mesmo que seus ancestrais, em bem da Paz Universal.

Lemos Stefan Zweig e seus ideais coincidem. Lemos Lin Yutang, Walter B. Pittkin, o grande realista; lemos um livro editado em 1941 de Antonio Borrego, intitulado “Pela Paz Universal” e encontramos o espiritualista se batendo profundamente pela solução do problema. Livros marxistas tem sido escritos no mesmo sentido.

Como mulheres, nos orgulhamos de colaborar com todos os grandes homens, cuja vontade de Paz, encontra apóio em todas as ideologias, sendo defendida em todas as línguas e por todas as raças.

Porque, então, não procuram os homens de nossa época basear-se no respeito mútuo, equilibrando deveres e direitos de todos os povos?

O que precisamos sem demora, é construir a Paz, essa paz de espírito que já não existe em nenhum lugar, em nenhum país. A ameaça constante, da bomba atômica, provoca neuroses e a humanidade está descontrolada.

A Pátria é como uma grande família. Se num lar u'a

mãe sabe tão bem equilibrar os direitos e deveres de seus filhos, porque não continuar a mesma a educar seus filhos já grandes, na manutenção da Paz Universal?

Voltemos a considerar a colaboração da mulher nos trabalhos pró Paz.

Essa colaboração é muito mais importante e ao mesmo tempo mais fácil do que parece. E' no entanto de grande envergadura e nós, que nos propomos a neste congresso trazer alguma coisa de positivo nessa construção, começamos pedindo a nossas irmãs que sejam otimistas, unidas e construtivas. A jornada é longa e de difícil compreensão. A responsabilidade é muito grande e precisa ser encarada com coragem. No entanto é fácil pôr em prática. Em todos os momentos de nossas lidas, poderemos trabalhar nessa missão, pregando a responsabilidade de cada uma, de estimular o homem a cultivar a Paz. Aqui poderíamos acrescentar que mesmo lutando pelo pão de cada dia, o fator econômico, baseado na ambição, não deve ser sinónimo de ganância.

Se há milhares de anos coube á mulher incentivar seu guerreiro a defender sua tapera, já hoje nosso objetivo deve ser cutro. Já não moramos em taperas. Já não temos que nos defender dos tigres e das onças. Fator defesa própria.

Na literatura passada encontramos exemplos de mães heroínas que enviavam seus entes queridos ás cruzadas. Esse tempo passou, já poderemos desenvolver o senso da defesa pela palavra escrita ou falada. O progresso se fêz e não devemos despresá-lo. Fator idealístico ou filosófico.

Naqueles tempos, as mulheres raramente tomavam parte ativa nas batalhas, o que fazia seu heroísmo como mães sacrificadas, de mérito muito limitado. O instinto de conservação, as induzia a enviar seus homens ao encontro do inimigo. Hoje a situação é muito outra. As ameaças

constantes de armas secretas de poder mortífero desconhecido faz com que já não haja heroísmo em mandar ninguém matar ninguém, pois a extensão da destruição não respeita nem inválidos, nem crianças, nem mulheres.

As guerras antigas eram mais humanas, pelo menos com relação às mulheres.

Precisamos não esquecer que até bem pouco tempo, por muito heroicas, as mulheres se limitavam a fazer tricot e preparar gases para acudir os feridos, e por muito exaustivo e trabalhoso que isso fôsse, era bem menos arriscado.

Perdoem-nos as mulheres de outra época, grandiosas e épicas, mas inconscientes na cooperação que deram aos seus heróis, que alimentaram sempre maior desejo de glórias e vitórias, deixando-nos por herança um mundo de desatinados que já não encontram o verdadeiro caminho da Paz.

Agora, nosso trabalho de mulheres, misturadas às ameaças de destruição em massa, é outro, muito outro.

Já de nada adiantará ficarmos fazendo tricot, porque não sabemos se teremos tempo de dar a último laçada.

O esforço das mulheres de hoje deve ser de outra natureza.

1.º) Orientar o berço.

2.º) Arrancar da mente do homem o espírito guerreiro.

3.º) Dedicar-se ao menos, aos rudimentos da ciência.

Nos consideramos civilizados e temos a ciência a nosso serviço.

Milhares de laboratórios estão atentos em benefício de nossa saúde.

Como podem trabalhar aqueles que tudo sacrificam em bem da humanidade, dando os melhores anos de sua

vida a uma dedicação constante, fechados em laboratórios, fazendo diferentes experiências em busca da chave mestra da felicidade, que é inegavelmente o equilíbrio hígido do indivíduo?

Onde está a tranquilidade para trabalhar, quando estão ameaçados pela própria ciência de uma destruição total e indefesa? E' a própria ciência a serviço da destruição? Não.

Quando se estudou a desintegração atômica esperava-se aproveitá-la no tratamento do cancer e outras moléstias e ainda com a mesma força, movimentar dínamos e criar outras possibilidades que viessem facilitar a vida da coletividade? Sim.

Para isso se dedicam os sábios e seus auxiliares, sem distinção de sexo, de ideologias ou de raças, num esforço constante, contribuindo êsses verdadeiros heróis, para o bem da humanidade.

Tantos sacrifícios revertem em malefícios, porque meia dúzia de homens, investidos de poder, consideram que é muito mais interessante modificar o resultado prático da inteligência em benefício imediato de bens materiais destruidores, que desvirtua a objetiva da descoberta.

Os sábios vêm a reconhecer com desgosto, pois muitos há que se tem suicidado por vêr seu hercúleo esforço transformado em arma de homicídio, em arma de rancor, de ódio e de vingança.

Os sábios não têm pátria, são todos igualmente irmãos, e sabemos mesmo, de fonte fidedigna; que na Alemanha quando se preparavam para a grande carnificina, em que selecionavam os homens de ação, do caso de um químico judeu, de grande valor que foi por êles considerado ariano honorário, por ser um expoente máximo nos laboratórios Bayer.

Vimos como Pasteur, o grande Pasteur, trabalhou ao lado de auxiliares de todas as raças.

Na ciência pelo ideal de humanidade, todos são igualmente irmãos.

Amai-vos uns aos outros... Fazei o bem sem saber a quem...

Sómente despertando a responsabilidade individual, poderemos chegar á cultura sincera desses sentimentos.

Não basta parecer, precisa ser.

Como poderemos dizer a nossos filhos, que vão cultivar a ciência, quando eles nos mostram onde nos levou tanta sabedoria?

A intuição é a ciência confusa de Deus. Nela encontramos a defesa própria do indivíduo. Sempre se disse que a mulher tem mais intuição que cérebro para pensar. Bendita seja aquela que conseguir a intuição da Paz Universal.

Perdemos a fé nos homens do poder.

A massa é sempre dócil e boa, quando encontra um govêrno que, como Roosevelt, soube levar o país numa verdadeira democracia, conseguindo a prosperidade para seu povo.

Ai do govêrno que se endeusa e se crê infalível, poderíamos acrescentar.

Sómente pelo berço poderemos influenciar no espírito de nossos filhos, homens e mulheres, para a solidificação de um espírito de solidariedade.

Não pretendemos ser ditadores ou cousa semelhante. Não queremos o poder, mas tão sómente o direito de sermos ouvidas, como únicas capazes de substituir o material humano para as futuras guerras.

Nós, mães, mulheres do mundo inteiro, não queremos ver demolido o fruto de nosso amor, de nosso maior

motivo de existência, que é a maternidade. Sabemos hoje do valor real da maternidade. Já não concebemos se não o queremos. Já somos mães consciêntes e não máquinas de reprodução.

A procriação é dada a toda e qualquer fêmea indifereentemente. Tanto faz ser racional ou irracional, a natureza proporcionou á fêmea essa faculdade e se as mulheres chegarem á compreensão de que sómente elas são capacitadas a dar ou não vítimas para a guerra, bem podem desprezar o incentivo que os governos fazem aos lares mais prolíferos e evitarem assim que o povo de um país seja apenas considerado número em estatísticas pró-guerra. Está nas mãos das mulheres evitarem o fratricídio de guerra. Haja visto o que se deu nos países totalitários em que a procriação passou a ser uma função mecânica.

De qualquer maneira, é preciso a mulher agir e, para isso, é preciso se unir.

Já não podemos consentir que se faça de nossos filhos, reserva para a próxima carnificina. Não é justo, não é humano.

Nós, mulheres, ajudamos nossos homens a acabar com, uma guerra, em nome do Direito Universal. Num supremo esfôrço, os aliados uniram-se á Rússia para reagirem juntos, contra a tirania do nipo-nazi-fascismo e integralismo. No momento psicológico de defender o certo do errado, a consciência democrática, do despotismo hitlerista, ninguém titubeou em dar a mão á Rússia e considerá-la digna de confiança. Sejamos consciêntes, coesas as mulheres do mundo inteiro, evidenciando a todas as nações a vontade de Paz de que estamos possuídas. Sejamos perseverantes, lutemos para fazer essa mesma Rússia encarar como nós, aliados, êste problema pró Paz. Não cremos que a Rússia queira a guerra.

Se somos ingênuos e ignorantes, trazemos com êsses atributos uma colaboração de Paz e de Concórdia.

A causa é coletiva, mas toda a coletividade é formada de indivíduos.

“Construamos sem mais demora um coração humano para cada indivíduo.

Estamos certas de que o nosso grito de alerta ainda chega a tempo.

As mães do mundo inteiro não querem a guerra.

E’ épico e emocionante vermos moças colaborando nos campos de batalha ao lado de seus homens, lutando para salvá-los, embora deformados e perdidos para a alegria da vida. Daquêles soldados heróis só resta uma perna, de outro resta menos ainda, êsse outro ficou cego e muitos voltam com psicoses incuráveis.

E que fazem as mulheres dêsses homens, vítimas da crueldade dos déspotas que os enviaram em **nome da Paz** aos campos de batalha?

Cuidam dêsses filhos da desgraça, com tanto ou mais carinho que se os mesmos houvessem voltados cobertos de medalhas e de glórias. Escreveríamos um livro se quizessemos discorrer sôbre as decepções, as apatias e misérias maiores.

Há os que depois de uma guerra, auferem glórias nunca antes imaginadas; se êsses mesmos homens que voltam homenageados por seus grandes feitos raciocinassem que tudo que fizeram foi destruir, matar, propagar a fome e a peste em seu caminho talvez êles mesmos se revoltassem, compreendendo que vingaram em criaturas inocentes, que como êles foram atirados nesses campos em nome da honra da Pátria e em defesa da família.

A carreira militar está ladeada de injustiças, como toda a carreira profissional, seja ela a do operário, a dos liberais, ou qualquer outra que defenda a subsistência do

indivíduo ou da família, porém os convocados são mais injustiçados ainda, porque na volta á pátria, nem mesmo um miserável sôlido êles têm garantido.

Não é uma glória saber matar. Seria uma glória sim, saber evitar uma carnificina em plena guerra. O troféu da vitoria está manchado de sangue de inocentes. Na própria guerra a injustiça se faz sentir.

O soldado desconhecido para o qual se cantam glórias, preferiria estar vivo, cuidando de sua família e contribuindo para a Paz Universal.

Algumas das idéias dêste trabalho foram enviadas a París, quando do último Congresso Feminino pró Paz Universal, alí realizado em 31-10-1947, pela União Universitária Feminina que enviou uma delegada representando São Paulo.

As injustiças da guerra?

Todas vós sabeis melhor que nós, pois sentistes mais de perto seu resultado negativo. A loucura da guerra como têm descrito os grandes homens da pena, já não é sêgrêdo para ninguém.

Apossa-se do homem uma ação conjunta de seus máus instintos. Os homens do poder apoltronam-se para melhor fazer os primeiros preparativos. O mais importante de todos êles, é interessar a massa, entusiasmá-la para jogá-la semi-consciente no turbilhão do fogo inimigo. Niguem pensa que vai morrer. Todos se transformam em heróis e se contaminam em heróis e se contaminam com o entusiasmo alheio. E' uma orgia de emoções. Choram e riem ao mesmo tempo e como crianças arquitetam planos de ação Serão todos heróis e suas amadas os esperarão envolta em gazes leves e coroas de flôres para o beijo nupcial dado sob as espadas dos companheiros de campanha, que também voltarão heróis.

Precisamos recordar o que foi o entusiasmo da primeira grande guerra, descrito em todas as línguas, em todos os jornais e nos maravilhosos livros escritos sobre o assunto? Precisamos lembrar os livros de Remark. Nada de novo no front”e “Depois”?

A última declaração de guerra não foi recebida com mesmo entusiasmo e a propalada nova guerra é odiada e repudiada por todos que estão ameaçados de se verem envolvidos.

Na primeira grande guerra, ainda se acreditava em defesa do solo pátrio, porém com a decepção da realidade que a sucedeu, o fracasso dos 14 pontos da Wilson, a prova do interesse financeiro que mascarou a Alemanha de vítima, logo após o término da guerra, para em seu próprio território se transformar o capital ganho em câmbio negro pelos aproveitadores da situação, homens, de todas as nações. Capitais imensos transferidos para um país que saía derrotado moralmente, mas não topograficamente e que tinha portanto grande possibilidade de produção em todo o gênero o explorável comercialmente. Num país em que a massa humana, cansada de sofrer e sendo um povo trabalhador e submisso por tradição, se transformou êsse povo e essa Alemanha em cadinho dos capitais dos próprios massacradores do soldado desconhecido. (Do livro “De Versailles a Pear-Harbour.)

Ora, os homens do poder, na Alemanha, não estavam dormindo. Aceitaram as primeiras imposições e deixaram que o povo trabalhasse, e deixaram que tudo refluísse, e deram tempo ao povo de refazer-se das duas etapas da guerra e construíram saúde para seu povo e construíram ideais da ambição e desejo de vingança e glória. Despertaram-lhe em dôbro e em triplo a ância do poder. Já não queriam dominar apenas a Europa, como sonhou o Kaiser, em 1.914, mas almejavam o domínio do mundo.

O espírito do mal, a falta de educação pacífica do homem, acolhido pelas mães cegas de ódio pelo desaponto da derrota sofrida, essas mesmas mães ajudaram na destruição de seus filhos, convencidas de estarem defendendo um dever de honra. Muitas, talvez, obrigadas, pois não podemos esquecer o caso da condessa austríaca, Berta Sutner, cujo marido um príncipe de origem germânica, foi fusilado em Paris injustamente como espião, por que os dois lutaram pela Paz Universal, como prova o livro "Abaixo as armas" de autoria da condessa. Trabalho que mereceu o prêmio Nobel.

Pobres mães que devem ter agora os corações mais cheios de ódio, porém de seus próprios governantes. Não saberiam elas de que estavam alimentando a vindita, de que ódio cria ódio e guerra alimenta guerra? Deviam elas ter sido esclarecidas e esperamos que seja ainda tempo de o fazer.

Basta de forjar mentalidades guerreiras.

Basta de cultivar o espírito guerreiro do germânico basta de criar Bestas-Feras, para no momento oportuno atirá-las **no rodamoimho da guerra em nome da Paz.**

Para que construirmos peças arquitetônicas de admirável beleza, nas quais geralmente se sacrificam vidas em os chamados acidentes do trabalho? Se todas essas belezas podem ser demolidas no tempo que marca apenas a distância de uma bomba atômica?

Não enxergam os homens do poder que seus sonhos de domínio, desinteressam as massas de trabalhar, de construir, por compreenderem êstes que caminham para uma possível destruição total?

Como podem as massas ter estímulo para trabalhar se todas as promessas de bem viver falharam? Já não se engana o povo, como se fossem crianças. As provas de deslealdade estão bem conhecidas e não há distinção de

raças; os homens são igualmente crueis, déspotas, egoístas e ferozes no momento da guerra.

O fundo é puramente econômico.

A Paz precisa estar baseada em acordos pacíficos e não em ameaças constantes de destruição.

Repetindo as palavras da Sra. Eleanor Roosevelt:

“A construção de um mundo pacífico não é cousa que se possa realizar redigindo um tratado. E’ preciso tempo para elaborar as relações entre os humanos; mas se aspiramos a paz, isso deve fazer-se.

Sempre ouvimos falar na conquista da lua pelo homem, para presenteá-la á mulher amada, porém neste século cogita-se de transformá-la em base, militar.

As mulheres do mundo inteiro olham estarecidas os preparativos fantásticos que se fazem no mundo, desperdiçando milhões em material, bélico, quando igual número em massa huamana, morre de frio e de fome, de doenças infecciosas e contagiosas. Porque não inverter todo êsse esforço num verdadeiro esforço de Paz, distribuindo com tamanha intensidade, milhões de drogas, como a penicilina, estreptomycinina, sulfas e outros preparados que representam amor e paz, no lugar de se distribuir a morte enlatada?

Aprendemos pelas escrituras que o ser humano, é sagrado, que o suicídio é pecado mortal, que o assassinio de qualquer natureza que seja efetuado, só Deus pode julgar. A justiça humana criou, a cadeira elétrica, a fôrça o fuzilamento e a decapitação, como punições aos faltosos, no entanto permitimos que nossos homens sejam massacrados, estropiados e lamentavelmente desajustados para a vida da sociedade, trazendo após as guerras as tragédias irremediáveis.

O êrro vem do berço. Sómente modificando a men-

talidade do homem desde a infância, poderemos lentamente afastar o espectro da guerra.

UTOPIA, se diz sôbre essa transformação. Podemos afirmar de que não se trata de utopia, apenas de perseverança e senso de solidariedade humana. Porquê seculos afora o homem que criou-se no respeito das tradições guerreiras não corrige êle mesmo esse princípio, educando seus filhos para a Paz Universal? As mulheres cabe êsse dever e ao homem o de perseverar.

Transcrevemos de um livro a ser editado, de autoria de um brasileiro, Snr. Jose' Yurari Grisanti, um ensaio definindo o que é o ser humano. Vejamos:

“O SER” – a base onde se assenta todas as filosofias, todas as hipóteses, todas as leis e religiões do mundo inteiro; e no entanto, nada de verdadeiro e seguro foi criado até agora em relação a essa idéia”.

“O SER, ou o homem, como queiram, é uma entidade complexa, apesar de sua aparente simplicidade. Êle pensa, logo existe como Ente, êle sente, logo, existe como Alma, êle tem sensibilidade e instinto, logo se firma como Animal .O Ente é divino, a Alma é angelica, o Animal é natural.

Eis as três modalidades do ser, e qualquer delas é perfeitamente perfectível e não há nenhuma dessas modalidades que deixe de evoluir para um grau mais perfeito na ordem das cousas dentre do tempo e do espaço.

“O Ente cria em princípios, a Alma desenvolve êsses principios e determina-lhes as formas e o animal realiza as formas fora de sí mesmo e age sôbre a natureza. O Ente é positivo-ativo, a alma é neutra passiva e o animal negativo-ativo. Aí está a polaridade do ser. E isto tudo é uma realidade absoluta, é uma correlação da causa e efeito.

“O Ente se revela como a “Liberdade”, o Animal co –

mo “Necessidade” e a Alma como equilíbrio que harmoniza a liberdade do Ente com a necessidade das cousas, e o Ser inteiro depende dêsse equilíbrio, que se for violado por mais leve que seja, o ser todo se ressentir e pode perecer ou destruir a obra da divindade”. Êsse livro chama-se “VERDADE”.

Assim vimos o valor do ser e sendo êle sagrado, precisa ser respeitado.

Precisamos modificar a ordem das cousas e encarar de frente o problema da formação da nova mentalidade, mentalidade pacífica, pela educação da criança.

A Paz Universal, precisa estar baseada na vontade dos povos e não em meros tratados. Tivemos como exemplo da inutilidade dos tratados, quando das sanções aplicadas á Italia...

A Liga das Nações deixou isso provado e o mesmo se dará com a O.N.U., enquanto, o esforço de Paz não estiver apoiado no alturismo, confiança e solidariedade.

Poderíamos, discorrer sobre a troca de produtos alimentares de primeira necessidade, com liberdade de plantar, explorar por conta própria, acabando, assim com as rivalidades comerciais, equilibrando pela liberdade das alfândegas, entradas e saídas do necessário a cada país.

Uma outra utopia, certamente dirão!

Deixará de ser utopia, no dia em que a educação for baseada no direito do ser, sem distinção de sexo.

A educação do homem precisa estar cercada de moral, como se fez com as mulheres de todos os tempos. Sómente pela formação do caráter poderemos modificar o egoísmo em altruísmo, a inveja em desprendimento, o ódio em amor.

O espírito militar precisa desaparecer.

Do que adiantou até hoje louvarmos os feitos de Na

poleão, ou a política de Birmarck? Basta de brincar de soldado desde criança e alimentar quimeras de mandatos.

Todos podemos ter nosso nome ligado a história uma vez que estamos tomando parte ativa na evolução da época. Basta que fique lavrado no livro branco, de todos os países, que nos meados do século XX, começou a frutificar o espírito da humanidade que legou a Paz Universal, que desfrutará nessa época, todo o ser vivente.

E' uma heresia o desejo de poder, como é um egoísmo desprezar o bem futuro baseado no gôzo imediato dêsse mesmo poder.

A massa humana que tem tido voz ativa em seu próprio destino e na formação das civilizações que têm nascido dos escombros da guerra, já não pode continuar submissa á minoria que outra cousa não tem feito que conservar os erros primitivos, conservando as tradições de nossos atrazados antepassados.

Mulheres de todo o mundo, ouví-nos: Colaborem sem cessar na formação de uma nova mentalidade. Sómente pela formação do caráter da criança, sendo êsse de impulsos passivos, poderemos vencer toda a série de atributos com que nasce o ser e dirigí-los para um desenvolvimento sadío e justo.

Temos na criança inato o instinto, podendo ser êsse guiado por uma inteligência, brilhante, ou mediocre, porém, sempre voltada para o altruísmo. Porque negligenciarmos a educação do filho homem, considerando desde criança que todos os desatinos lhe ficam bem? Sómente por ser êle do sexo masculino? Não erraram nossos antepassados legando êsse direito ao homennm que se considera feito á imagem de Deus?

A era pré-histórica já passou. Não podemos admitir que se prolongue pelos séculos afóra, um êrro de educação, que só males tem acarretado em todas as épocas, a to-

das gerações. Já não procede êsse conjunto de erros.

Sómente a igualdade de direitos e deveres do sexo, poderá nivelar o padrão de vida, trazendo equilíbrio e felicidade á sociedade.

As mulheres que trabalham não saíram sem motivo em busca de responsabilidade econômica, quando em suas casas deixam muitas vezes marido, filhos doentes, mal nutridos, mal acomodados, precisando contribuir para o padrão de vida econômica do lar.

E' tempo de lembrar aos países, que subscreveram a Carta do Atlântico" e a "Ata, de Chapultepec", que as mulheres que premiadas pelas necessidades da honra, fornecem um trabalho igual aquêles dos homens, têm o direito a um salário igual áquele de seus colegas masculinos.

A classe pobre, dessa nem se fala.Vêm suas filhas queridas fracassadas em plena mocidade, mal nutridas e mal educadas.(queremos nos referir a seus conhecimentos culturais) entregando-se muito cedo a um ou vários homens que as ajudem a conseguir um miserável alimento e jóias falsas e roupas pouco úteis, apenas vistosas, numa enganosa posição social.

As senhoras de sociedade? Essas desprezam, as miseráveis que contribuem com sua saúde, mocidade e competência, na fabricação dos tecidos custosos e de boa qualidade que as mesmas exibem para inveja de suas iguais, a mesma sociedade.

As domésticas de quase todos os países desapareceram, porque nunca foram compreendidas ou recompensadas. Não há trabalho menos compensador que o da dona de casa. Ainda essas estão trabalhando para sua própria felicidade, embora muitas não compreendam assim. As domésticas, essas, numa luta constante de melhor situação, se deixam arrastar a vícios, desde o roubo até a conquista do próprio patrão. O homem? Êsse toma parte ativa em

toda a destruição, coadjuvando com seus recursos monetários na continuação da prostituição.

O círculo vicioso é grande e poderíamos escrever um livro sobre o assunto.

Enquanto o homem pagar o vício, existirão viciadas que se aproveitam dessa fraqueza. Enquanto existirem as mulheres mercadora, existirão os compradores do artigo.

Tudo isso? Falta de berço. Sómente pela educação acabaremos com a complicada máquina social, que este deteriorada e não merece nem mesmo o preço que vale uma bomba atômica.

Sejamos unidas, e demonstramos se for preciso em comícios, nosso amor á Paz.

De qualquer maneira precisa ser evitada a guerra e se a mulher do mundo inteiro demonstrar o seu decontentamento, nos maus agouros de outra guerra, talvez possamos livrar-nos de mais uma carnificina improdutivo, como todas as guerras.

Já passou o período em que sómente em tempo de guerra florescia a ciência.

Não. Não será a guerra que nos dará solução para uma existência feliz.

A mocidade está cansada e vemos bem nos destinos da sociedade, o quanto foi contra-producente a última guerra. Já não acreditamos nos insultos pátrios. As distâncias são curtas e os povos de todos os países já esta mais ou menos ligados por simpatias recíprocas. Já não se matará em qualquer campo que seja, que não se tinha na lembrança um amigo dessa nação ou raça.

Cultivemos a Paz, pelos livres disseminados nas escolas em favor do altruismo. Acabemos com os livros em que desde pequenino se infiltra no espírito do homem o direito de matar. Acabemos com o direito arbitrário do homem de não ter outra honra que suas obrigações eco-

nômicas e o dever de morrer pela pátria E' preciso mudar o LEMA que nos acompanha de DEUS, PATRIA E FAMILIA, para DEUS, FAMILIA E PATRIA. Poderá existir família sem patria, porem nunca Patria sem Família.

Demos á criança conhecimento e base de todas as religiões deixando á, mesma o direito de escolher livremente seu credo em sua maioria: Todas as religiões são boas, porem é preciso que cada crente seja sincero e que respeite a crença alheia, certo de que será respeitado na sua.

Paguemos o bem pelo próprio bem. Acabemos com a mentira social e com a hipocrisia. Precisamos provar que os preconceitos sociais só têm criado mal entendidos e desgraçado as famílias.

Em oposição ao preconceito temos o livre arbítrio êste porém, na sociedade atual, está mascarado e alimenta a hipocrisia que é a arma perigosa manejada pela mentira.

E assim vemos onde nos levam os mistérios das cousas sagradas e hipotéticas de que está formada a sociedade.

Sagrada, é a palavra "VERDADE" pregada em todas as religiões em todas as ideologias, convergindo todas para o bem da humanidade e Paz Universal.

O ser humano nasce com qualidades e defeitos, que podem ser corrigidos ou sublimados, mas nem por isso deixa, de nascer com êles. Portanto, de nada adianta criarmos a prisão da alma, que são os preconceitos, se essa alma lutar por se desprender dessa prisão seguindo impulsos naturais.

O que é necessário em beneficio da Paz Universal, é que se esclareça a criança sôbre seus direitos, e deveres,

não esquecendo que sómente a verdade deve ser cultivada. A mãe precisa transmitir a seus filhos homens os mesmos princípios de moral que ensina às suas filhas mulheres. Não pode haver equilíbrio moral, se sómente uma das partes é responsável pela honra da família.

O que vem acontecendo, é que a mulher, cansada de ser iludida, abdicou do seu princípio de honra, cujo fundamento inicial é a matéria, passando a seguir os falsos critérios éticos do homem.

Homens e mulheres em sua maioria deixam correr livremente seus instintos animais, por não terem encontrado equilíbrio entre o sexo e o espírito, como idealizamos e como preconizou o gênio do grande romancista inglês, David Lawrence.

Não sendo em sua maioria nem espiritualistas nem materialistas, do ponto de vista, de convicção profunda, as massas deixam-se arrastar pela irresponsabilidade de seus atos, desseminando o mal e proporcionando ambiência, para a guerra.

Eduquemos, eduquemos, esclarecendo os homens em geral, e desvendando, dentro de nossas possibilidades de "mãe", "esposa", "noiva", "irmã" e "amiga" o quanto nos são queridas suas vidas.

Todo obstáculo precisa partir de nós, mulheres, que os procreamos, que os alimentamos, que os educamos e amamos, convencendo-os de que a mais preciosa conquista é a paz no lar, a confiança no dia de amanhã e a construção da Paz Universal, para que juntos caminhemos por omnia saeculum, saeculorum.

Índice

	Pág.
COOPERATIVISMO	3
PREZADO LEITOR	7
O COOPERATIVISMO	12
COOPERATIVISMO — INFLAÇÃO E CONGELAMENTO	15
COOPERATIVISMO E MORTALIDADE INFANTIL	18
O COOPERATIVISMO, OS COMANDOS E A COMISSÃO DE PREÇOS	21
COOPERATIVISMO E CARIDADE	25
O COOPERATIVISMO E A ONU	29
O COOPERATIVISMO E A ECONOMIA DIRIGIDA	32
O COOPERATIVISMO E A EDUCAÇÃO	36
O COOPERATIVISMO E O MILITARISMO	40
O COOPERATIVISMO NA INGLATERRA	44
COOPERATIVISMO E OS “UTOPISTAS”	47
O COOPERATIVISMO, A PRODUÇÃO E A CONTABILIDADE	50
O COOPERATIVISMO E AS ESTRADAS DE FERRO	57
O COOPERATIVISMO E O UNIVERSALISMO	63

INICIATIVA DE CONSCIÊNCIAS DE BAIROS . .	66
SÍNTESE	70
UMA CIDADE JARDIM	77
CONCEITOS DE UM BRASILEIRO VISIONA- RIO CLARIVIDENTE	79
AUXÍLIO ÀS CRIANÇAS ITALIANAS MULTI- LADAS	81
CONTRIBUIÇÃO DA MULHER PARA A PAZ UNIVERSAL	85





Ministério da Agricultura
Secretaria-Geral
BINAGRI — Biblioteca Nacional de Agricultura



PROJETO PNUI/FAO/BRA/72/020
SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÃO
E DOCUMENTAÇÃO AGRÍCOLA



DOCUMENTO
DOCUMENT

FIM

END OF THE DOCUMENT

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)